

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE PEREIRA MARTINS

TURISMO E O LEGADO DA PEREGRINAÇÃO NO PERÍODO BIZANTINO:
ANÁLISES DA MESQUITA DE HAGIA SOPHIA, ISTAMBUL, TURQUIA

CURITIBA

2020

CAROLINE PEREIRA MARTINS

TURISMO E O LEGADO DA PEREGRINAÇÃO NO PERÍODO BIZANTINO:
ANÁLISES DA MESQUITA DE HAGIA SOPHIA, ISTAMBUL, TURQUIA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Turismo, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Silvana do Rocio de Souza

CURITIBA

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Martins, Caroline Pereira.

Turismo e o legado da peregrinação no período bizantino : análises
da Mesquita de Hagia Sophia, Istambul, Turquia / Caroline Pereira
Martins – Curitiba, 2020.
110 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo.
Orientadora: Profª Drª Silvana do Rocio de Souza

1. Turismo – História. 2. Turismo – Istambul (Turquia). 3. Peregrinos
e peregrinações – Istambul (Turquia). 4. Idade média. 5. Mesquitas –
Istambul (Turquia). I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

ATA Nº11.20

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM TURISMO

No dia trinta de setembro de dois mil e vinte às 09:00 horas, na sala <https://meet.google.com/afc-wrcv-jjz>, Meet Google, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **CAROLINE PEREIRA MARTINS**, intitulada: **TURISMO E O LEGADO DA PEREGRINAÇÃO NO PERÍODO BIZANTINO: ANÁLISES DA MESQUITA DE HAGIA SOPHIA, ISTAMBUL, TURQUIA.**, sob orientação da Profa. Dra. SILVANA DO RÓCIO DE SOUZA. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: SILVANA DO RÓCIO DE SOUZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), MARGARETE ARAUJO TELES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, SILVANA DO RÓCIO DE SOUZA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 30 de Setembro de 2020.

Assinatura Eletrônica

13/10/2020 14:35:43.0

SILVANA DO RÓCIO DE SOUZA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

30/09/2020 11:33:11.0

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

09/10/2020 21:54:47.0

MARGARETE ARAUJO TELES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Rockefeller, 57 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80230-130 - Tel: (41) 3535-6281 - E-mail: ppgturismo@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 54158

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 54158

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CAROLINE PEREIRA MARTINS** intitulada: **TURISMO E O LEGADO DA PEREGRINAÇÃO NO PERIODO BIZANTINO: ANÁLISES DA MESQUISTA DE HAGIA SOPHIA, ISTAMBUL, TURQUIA.**, sob orientação da Profa. Dra. SILVANA DO ROCIO DE SOUZA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 30 de Setembro de 2020.

Assinatura Eletrônica

13/10/2020 14:35:43.0

SILVANA DO ROCIO DE SOUZA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

30/09/2020 11:33:11.0

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

09/10/2020 21:54:47.0

MARGARETE ARAUJO TELES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Eu dedico esse trabalho a todas as pessoas que, de alguma forma, fazem parte da trajetória e da evolução do objeto de pesquisa dessa dissertação: minha querida Hagia Sophia. Não importa se você é cristão, ortodoxo, mulçumano ou até visitante: A conexão que as pessoas têm com esse lugar e todas as suas transformações ainda me impressionam e eu tenho muito a agradecer a todas essas culturas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha orientadora que teve muita, mas muita paciência mesmo comigo durante esses anos de mestrado, sempre me auxiliando em todas as minhas ideias malucas e, principalmente, me incentivando com aquilo que eu queria para essa dissertação, e isso não tem preço: alguém que compra seus projetos. Vai daqui direto pro céu!

Para a minha irmã que sempre, sempre, sempre me apoiou e lutou comigo por tudo que eu queria, e ainda o faz! É aquela pessoa que eu vou poder contar para o resto da vida e não só porque é minha irmã. É, de longe, a pessoa que mais acredita em mim.

Aos meus pais que nunca pararam de me incentivar em todas as etapas da minha vida, sempre muito determinados a me fazer virar alguém não importa qual desafio. São as pessoas no mundo que eu mais admiro.

Agradecer ao Consulado Geral da Turquia em São Paulo pois, sem a atenção, cuidado, carinho e agilidade em me atender uma boa parte dessa dissertação nem teria acontecido. Estou devendo chocolates para essa galera.

Para a minha amiga Bianca que, coitada, encarou TODAS as minhas loucuras durante esse mestrado sempre com muita confiança, sorriso no rosto e um elogio na ponta da língua. É uma das pessoas mais singulares que eu já conheci e um dos grandes presentes dessa fase acadêmica.

A todos os meus amigos que encararam minhas crises de carência e chateação nessa fase, entre eles a Mayara, a Lays, a Thata, o Phill, o Vinícius, Paulinha e Camila. Eu bem sei que essa galera aí nunca parou de torcer por mim... mas as vezes devem ter vontade de bater minha cabeça contra a parede.

À minha família, que sempre se desdobraram para acompanhar as minhas conquistas e estarão lá sempre que eu precisar.

Por último, mas não menos importante, à minha avó Marta, que nos deixou há poucos anos, mas que era a pessoa que mais sentia orgulho de mim. Eu bem sei que ela babava demais nas netas e tudo o que nós fazíamos ela entregava uma cara de impressionada e eu daria tudo pra ver a expressão dela para mim no final dessa jornada. Das vezes que ela brigava comigo por sono durante esses anos de mestrado, eu bem sei que ela é uma das grandes responsáveis por eu ter conseguido acabar esse trabalho.

A natureza dá a cada época e estação algumas belezas peculiares; e da manhã até a noite, como do berço ao túmulo, nada mais é que uma sucessão de mudanças tão gentis e suaves que quase não conseguimos perceber os seus progressos. (CHARLES DICKENS)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo analisar as manifestações da atividade da peregrinação, assim como suas implicações, na Idade Média e, utilizando a figura da Mesquita de Hagia Sophia, explorar suas consequências no deslocamento populacional que evoluiu até a noção da atividade turística que existe hoje. A questão da produção e da valorização do espaço especificados nesse monumento é mostrada nesse trabalho utilizando como a atividade da peregrinação, com enfoque em suas características na Idade Média, serviu como influenciadora dessa formação de identidade sobre um ponto de vista religioso e que passou a modificar não apenas centros considerados sagrados e sua comunidade, mas também em toda população que se deslocava. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica complementada por entrevistas realizadas em campo com turistas e funcionária do monumento, assim como pesquisa de observação participativa, que em conjunto, foi preciso buscar referenciais para representar as reflexões sobre a influência dos mosaicos e da arte bizantina como elementos de identidade na construção do espaço na atividade de peregrinação.

Palavras-chave: Turismo; Evolução histórica do turismo; Peregrinação; Hagia Sophia.

ABSTRACT

This master's thesis aims to analyze the manifestations of the pilgrimage activity as well as its implications in the concept from the Medieval period and, using the figure of the Hagia Sophia Mosque, explore its consequences in the displacement of the population and how its concept evolved until the notion of the tourist activity that we have today. The question of the production and valorization of space specified in the monuments is shown in this work, using as the activity of the pilgrimage, focusing on its characteristics in the Middle Ages, served as an influencer of this formation of identity from a religious point of view and that changed not only centers considered sacred and their community, but also in every population that moved. The methodology used was bibliographic research complemented by interviews conducted in the field with tourists and the monument's employee, as well as participatory observation research, which together had to represent the reflections on the influence of mosaics and Byzantine art as elements of identity in the construction of space in the pilgrimage activity.

Keywords: Tourism; historical evolution of tourism; pilgrimage; Hagia Sophia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PERIODIZAÇÃO DE HAGIA SOPHIA	19
FIGURA 2 – IMAGEM DE MAPA DE ISTAMBUL	42
FIGURA 3 – IMAGEM DE MAPA DE ANTIGOS DESTINOS	43
FIGURA 4 – BIZÂNCIO DA ÉPOCA DE JUSTINIANO.....	46
FIGURA 5 - IMAGEM DE MAPA DO IMPÉRIO BIZANTINO.....	47
FIGURA 6 – BIZÂNCIO E O MUNDO ISLÂMICO	48
FIGURA 7 – LOCALIZAÇÃO DA HAGIA SOPHIA.....	50
FIGURA 8 – PLANTA DA MESQUITA 3D	52
FIGURA 9 - PLANTA DO PISO TÉRREO E JARDIM.....	53
FIGURA 10 – PLANTA MOSAICOS	54
FIGURA 11 – SANTA IRENE.....	55
FIGURA 12 – MESQUITA AZUL	56
FIGURA 13 - MEDUSA NA CISTERNA DA BASÍLICA.....	57
FIGURA 14 – SALÃO PRINCIPAL	58
FIGURA 15 – INTERIOR DA BASÍLICA.....	59
FIGURA 16 – PRIMEIRA ENTRADA: HAGIA SOPHIA	60
FIGURA 17 - MESQUITA LADO EXTERNO NOITE	61
FIGURA 18 – MESQUITA LADO EXTERNO DIA.....	62
FIGURA 19 – MOSAICOS DEISIS	63
FIGURA 20 – MOSAICOS DEISIS 2	64
FIGURA 21 - MOSAICO DA DEDICAÇÃO	65
FIGURA 22 – CÚPULA MOSAICO APSE	66
FIGURA 23 – CÚPULA DA MESQUITA.....	67
FIGURA 24 – PLACAS MULÇUMANAS	68
FIGURA 25 - PILASTRAS DA SEGUNDA CONSTRUÇÃO DA MESQUITA ..	69
FIGURA 26 – INSCRIÇÃO VIKING	70
FIGURA 27 – PINTURA SOBRE MOSAICOS – TETO DO NÍVEL SUPERIO .	71

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CRESCIMENTO DO TURISMO CULTURAL.....	28
TABELA 2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	75
TABELA 3 – ORGANIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	83
TABELA 4 – CONSULADO GERAL DA TURQUIA.....	84
TABELA 5 – EXPERIÊNCIA NO DESTINO.....	85
TABELA 6 – ATRATIVOS MAIS APRECIADOS.....	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO.....	19
3 PEREGRINAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM O TURISMO.....	31
4 HAGIA SOPHIA E O PERÍODO BIZANTINO: AS SINGULARIDADES DA TURQUIA.....	42
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	72
5.1 TIPO DE PESQUISA.....	73
5.2 TÉCNICAS DE PESQUISA.....	74
5.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	76
5.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS EM CAMPO.....	78
5.5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	96
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	102
APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIA DA MESQUITA.....	103
APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM TURISTAS.....	104
APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM TURISTAS QUE RETORNARAM DO PASSEIO.	105
APÊNDICE 5 – ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA IGREJA ORTODOXA.....	106
ANEXO 1 – SOLICITAÇÃO DE PESQUISA EM HAGIA SOPHIA.....	107
ANEXO 2 – TRADUÇÃO DA SOLICITAÇÃO DE PESQUISA EM HAGIA SOPHIA.....	108
ANEXO 3 – TABELA HAGIA SOPHIA.....	109
ANEXO 4 – TRADUÇÃO TABELA HAGIA SOPHIA.....	110

1 INTRODUÇÃO

O termo turismo, tal qual é conhecido atualmente, surgiu durante a Idade Moderna, e apresentava as primeiras ações do homem que começava a praticar essa atividade. Entre seus objetivos, estava a necessidade do desenvolvimento econômico e cultural da sociedade não apenas em preparar sua própria localidade para receber visitantes, como construir hospedagens e restaurantes que resultariam em uma estada mais confortável ao mesmo tempo que favorecia a renda local. No entanto também era aplicado com o objetivo de conhecer, ou até mesmo conquistar, outras terras, como as conhecidas grandes navegações praticadas no início do século XV.

Com a evolução do ser humano, as consequentes novas necessidades adquiridas através dos séculos e a percepção de que abrir horizontes para novos mercados, fazer peregrinações para locais sagrados, se beneficiar de consumidores que estão de passagem em seu território, além dos clientes locais acabou por tornar a atividade turística cada vez mais atrativa.

Apesar da maior parte dos estudos do turismo utilizar exatamente a Idade Moderna como base, obviamente porque a palavra surgiu nesse período, a atividade em si já era anteriormente realizada e mesmo que não houvesse um termo oficial para o turismo, ele já envolvia algum incentivo na recepção desses visitantes como estabelecimentos de hospedagem, construções de estradas e restaurantes que já existiam desde a Idade Antiga.

Para tal, foi escolhido como objeto de estudo a Mesquita de Hagia Sophia, localizada em Istambul, na Turquia, não apenas pelo apelo histórico envolvido, já que se trata de uma igreja que foi construída no século VI, mas principalmente pelo valor cultural agregado, uma vez que foi representada por mais de uma religião, sendo elas a católica, a ortodoxa e a islâmica e, essa particularidade, faz desse monumento muito rico na construção de identidade e memória local.

O problema da pesquisa, portanto, consiste em averiguar se é possível relacionar a atividade da peregrinação entre dois períodos históricos, a Idade Média e a Idade Contemporânea, através do monumento Hagia Sophia, a fim de estabelecer uma ligação entre a identidade do peregrino e a valorização de patrimônio histórico cultura para o turismo.

Com essas questões, fica então a hipótese levantada para ser estudada e elaborada por este projeto:

O fenômeno da peregrinação, praticado desde a Idade Média, contribuiu para o desenvolvimento do conceito de turismo atual através da valorização da arte e arquitetura de monumentos religiosos.

Baseado nessas afirmações, este trabalho tem por objetivo geral relacionar a atividade da peregrinação em dois períodos históricos distintos, a Idade Média e a Idade Contemporânea, através do monumento Hagia Sophia.

Os objetivos específicos que compõem este trabalho são:

- Caracterizar a evolução histórica do turismo, principalmente durante o Período Bizantino da Idade Média até a atualidade;
- Apontar as relações do turismo atual com o movimento dos peregrinos que ocorriam no início da idade média;
- Apresentar a Hagia Sophia.
- Apresentar a identidade cultural do turista no monumento abordado.

Este trabalho apresenta, a partir desta introdução, as noções sobre as peregrinações desenvolvidas na Idade Média e como a formação de identidade foi sendo construída utilizando como escopo os monumentos religiosos da época.

Com isso é debatido inicialmente sobre o conceito de patrimônio cultural e histórico, responsável por definir a localidade como turística e como todo esse conjunto foi trabalhado através dos séculos e, que, de certa forma, contribuíram para o turismo que é conhecido hoje.

Para isso, a primeira parte consiste em contextualizar o tempo e o espaço escolhidos para serem trabalhados, expondo os deslocamentos humanos desde a idade média, mais especificamente o período Bizantino, até o desenvolvimento da atividade turística atual, relatando como os costumes e outros aspectos dos modos de vida daquela determinada sociedade moldaram a ideia de turismo para o presente. Os principais autores escolhidos para apresentar essa investigação são Pérez, Barretto, Ito e Brusadin que trazem as singularidades do turismo para diferentes épocas históricas.

Em seguida é descrita a prática da peregrinação, como funcionava durante o período medieval, quais eram as motivações dos viajantes e como isso influenciou não só peregrinações futuras, mas toda a atividade turística. Rosendahl, Le Goff e Choay definem muito bem a atividade da peregrinação tanto como patrimônio, quanto como importância para a população local e visitantes.

Por fim, apresenta o objeto de pesquisa escolhido para esta dissertação, concentrando na Mesquita de Hagia Sophia, cuja localização está em Istambul, na Turquia, não apenas a construção arquitetônica, mas os mosaicos gravados no período bizantino e suas influências nos deslocamentos humanos da época, ainda se mostram importantes tanto cultural e economicamente para a comunidade local, quanto para os visitantes que comparecem todos os anos. Para tal, Howard e Jones conseguem acrescentar importantes detalhes e mudanças históricas que contribuíram para tornar a região escolhida tão única.

6 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO

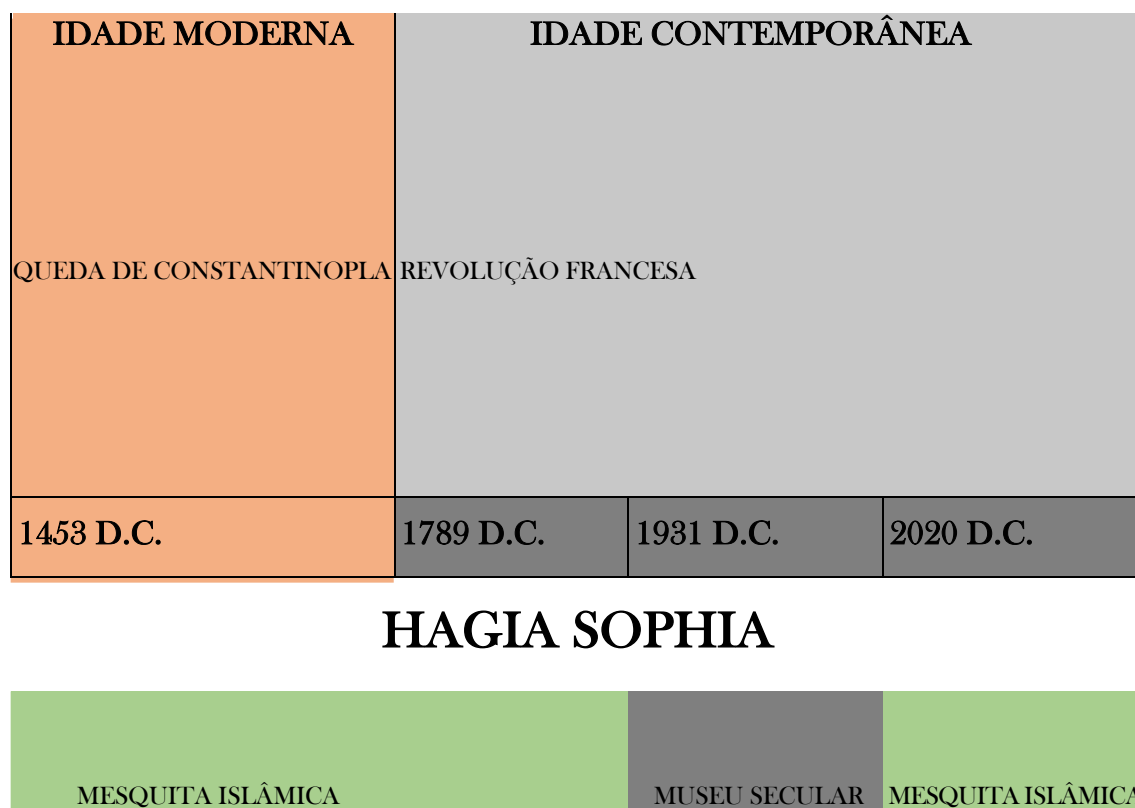
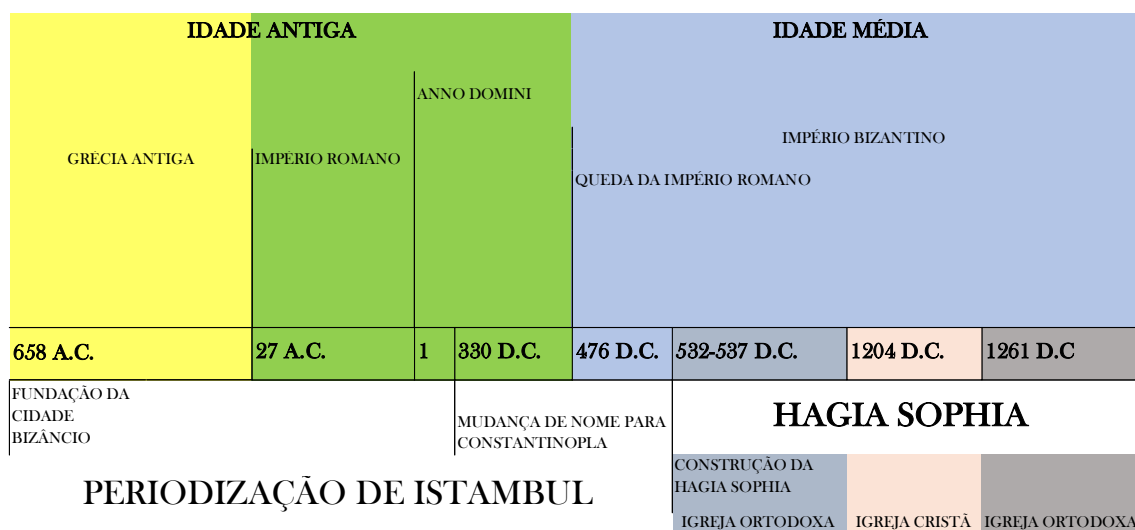
Independentemente de o “conceito de turismo ter sido introduzido somente a partir do século XVII” (BARRETTO, 2003, p. 44), a determinação do homem por conhecer novos lugares, seja por motivações acadêmicas, de trabalho ou lazer, já era intensa desde a Idade Antiga e foi apenas sendo consolidada e aprimorada com o passar dos anos.

De acordo com Trigo (2019, p. 7) “desde a pré-história, o ser humano viaja. Os primeiros homens a se deslocar eram nômades, viajantes, peregrinos, marinheiros, migrantes, refugiados, comerciantes, soldados ou burocratas, e não exatamente turistas”.

Para melhor detalhar os tempos históricos, o objeto de pesquisa e o espaço geográfico tratado neste trabalho, abaixo está um esquema de periodização, na figura 1, dos temas abordados.

Este esquema de periodização tem por finalidade contextualizar alguns períodos históricos importantes tratados nesta dissertação e também auxiliar o leitor a compreender melhor o objeto de pesquisa e sua localização.

FIGURA 1 PERIODIZAÇÃO DA HAGIA SOPHIA



Fonte: Adaptado de Morgan, 2007 (a autora, 2019).

O termo “turismo” em si surgiu na Inglaterra e teve relação a um tipo específico de viagem que eram relacionadas normalmente apenas às classes mais altas e, de acordo com Barretto (2003, p. 48) a “palavra *tour* do francês

que significa volta e, assim como o termo no francês, teve várias outras possíveis origens como o *turn* do próprio inglês, o *tornare* do latim e até o *tur* do hebraico que, na bíblia, refere-se à viagem de reconhecimento”.

Uma vez que se inicia essa ação do ser humano de sair de seu local de residência para conhecer outros locais, assim como se preparar para receber visitante estabelece então a dinâmica cultural dessas comunidades que ocorre em função das atuações humanas feitas diretamente nesse espaço e que fazem parte de seu cotidiano, mas não apenas das transformações ocorridas pela sociedade que atualmente vive naquele ambiente, pois essa produção de espaço se dá através de todas as ações exercidas ao longo da existência desse espaço não só dos que começaram a formá-lo, mas também da natureza, clima etc. (LEFEBVRE, 1981).

Os deslocamentos humanos sempre foram importantes para inúmeras questões dentro das sociedades e impulsionaram consideráveis avanços na economia, nas artes e principalmente na cultura, mas, durante as primeiras fases do turismo foi estimulado em que essa evolução se deu em maior nível por questões religiosas.

De acordo com Barretto (2003, p. 45) “é preciso estar atento quando se estuda a movimentação das sociedades mais antigas para que não se confunda as migrações que viveram, durante séculos, de forma nômade, o que tampouco tem a ver com viagens ou turismo”.

Brusadin (2015, p. 82) ressalta que o turismo tem como tendência reafirmar determinadas tradições como sendo específicas de determinadas épocas e povos:

O que se percebe que a composição das identidades e, conseqüentemente, do que chamamos de memória está sendo constituída por um processo híbrido de interlocução entre os diferentes povos e suas representações no tempo e no espaço (BRUSADIN, 2015, p. 82).

O autor ainda afirma que, atualmente, o turismo está em constante expansão pela globalização no que se refere ao processo de construção de identidade, uma vez que valores e análises de patrimônio variam de acordo com a época de cada sociedade (BRUSADIN, 2015, p. 82).

De acordo com Pérez (2009, p. 17) mesmo com limitações as sociedades antigas também tinham a vontade e, principalmente, a curiosidade de conhecer novos lugares e povos:

a procura de países, climas e povos diferentes tem a sua origem no passado, o fascínio pela diferença foi grande na história da humanidade. Na Roma Imperial as elites viajavam para a ilha de Capri e para cidades como Pompeia ou Hércules para passar férias (BOHN, 2004)

Ito (2008, p. 125) aponta também que a região do Éfeso, atual Turquia, atraía mais de 700 mil visitantes que estavam interessados em apresentações de mágicos, acrobatas e animais adestrados que eram famosas na região, fazendo com que o turismo em eventos já também estivesse sendo consolidado “Eram os primeiros registros de turismo de eventos, nos quais havia grande número de prostitutas, o que nos leva a crer que o turismo sexual também já existia naquela época” (IGNARRA, 2003, p. 3).

Boiteux (2009, p. 3) acrescenta que os “fenícios, oriundos de uma região pouco propícia para a agricultura, foram obrigados a desenvolver o comércio internacional, que os levou a grandes viagens para a China e para a Índia”.

Para alguns autores, o início da atividade turística, como lazer, surgiu na época da Grécia e Roma antiga, e era explicada, principalmente, pelas viagens feitas para assistir as primeiras Olimpíadas realizadas a cada quatro anos (BARRETTO, 2003, p. 47).

Na Grécia, apesar de constantes, as viagens poderiam significar certos desafios perigosos e requeriam alguns tipos de cuidados, como explica Bancroft-Hunt (2009, p. 69):

Para a maioria dos viajantes, uma jornada significa ir a pé, em grupos para impedir ataques de bandidos, ou bem armado se sozinho. Rotas principais oferecem algumas pousadas para pernoite e alojamento, mas eles fornecem apenas uma cama, não refeições, o que significa que os viajantes devem transportar alimentos além de outros pertences. Os viajantes podem combinar de ficar com parentes ao longo do caminho e nas cidades ou podem dormir sob as colunatas dos edifícios públicos (BANCROFT-HUNT, 2009, p. 69)¹.

¹ Em livre tradução de: For most travelers a journey means going on foot, in groups to deter bandit attacks, or well armed if alone. Major routes offer some inns for overnight accommodation, but they provide only a bed, not meals, which means travelers must carry food supplies in addition to any other baggage. Travelers may arrange to stay with relatives along their route, and in towns they can sleep under the colonnades of public buildings.

Na realidade, o começo da atividade comercial de vendedores itinerantes e até mesmo a comercialização entre cidades como fonte econômica para a população já pode ser considerada atividade turística e ela não foi mencionada apenas na história ocidental como Egito, Roma e Grécia, mas já havia sido amplamente explorada por outras civilizações como os fenícios, os pirineus franceses (BARRETTO, 2003, p. 44) assim como em sociedades orientais como os japoneses, coreanos e chineses, que já praticavam troca de ensinamentos (de onde surgiram as agriculturas e alfabetos comuns) e praticavam comércio desde a idade média (YAMAMURA, 1990, p. 25).

Pérez (2009, p. 17) diz que “a concepção mercantil e comercial das viagens, eles não só transportam pessoas, como ocupam também o tempo de lazer dessas pessoas com atividades recreativas e uma oferta de serviços” o que fez com que, na concepção do autor a revolução turística aconteceu simultaneamente à revolução industrial.

Mas a valorização do patrimônio cultural de outras comunidades e o anseio por construir uma identidade agregando novos conhecimentos não vieram a partir de interesses comerciais e sim de viagens com objetivos de novas experiências.

Dito isto, um dos mais antigos livros que tem como propósito a vivência em novos locais foi escrito pelo grego Pausanias em sua obra: *The guidebook of Greece*, que teve como objetivo descrever as mais variadas cidade e paisagens da Grécia no período clássico para atrair e auxiliar os viajantes que tinham escolhido esse destino (JONES, 1931, p. 11).

Pouco do que se sabe sobre o autor Pausanias (JONES, 1931, p. 10) veio de informações tiradas de seu próprio livro a partir de detalhes não só de localizações em que ele esteve, mas também de pessoas citadas cuja idade e período retratado dá alguma ideia de em qual época ele viveu, ou então o surgimento ou não de determinado monumento arquitetônico (caso ele descrevesse a localização do monumento e o mesmo não fosse citado, talvez pudesse ser porque ainda não estava construído naquela época) o que ajudava ainda mais para delimitar o que ele e em que época ele viveu. O que se sabe

sobre o autor hoje é que ele era geógrafo e que viveu por cerca de 70 anos (JONES, 1931, p. 10).

Mais tarde, durante o Império Romano, os romanos fizeram mais contribuições para viabilizar as viagens que aconteciam, construindo pontes e estradas que ligavam as cidades durante o final da idade antiga e início da idade média (BARRETTO, 2003, p. 46).

Mesmo assim, de acordo com Ito (2008, p. 5) logo após o período do império romano, as viagens começavam a sofrer uma queda, uma vez que os consolidados feudos costumavam ser autossuficientes e as estradas já deterioradas, o grande número de assaltos e os diversos conflitos que aconteciam simultaneamente deixavam a viagem mais perigosa. “[...] o fim do Império Romano marcou o início do decréscimo das viagens: a organização da sociedade em feudos autossuficientes, os conflitos e os assaltos tornaram os deslocamentos uma grande aventura” (ITO, 2008, p. 5).

Durante o período medieval, algumas expedições se tornaram obrigatórias para grupos específicos da população, como por exemplo, as famosas cruzadas que expandiram os horizontes (BARRETTO, 2003).

A Idade Média, período no qual este trabalho é retratado, foi marcada principalmente por viagens com propósitos religiosos e o avanço não apenas das famosas peregrinações, mas também do aumento de trocas culturais entre as comunidades, como explica Backman (2003 p. 434):

Giovanni Aurispa viajou até o leste de Constantinopla nos anos anteriores ao cerco turco e voltou com cerca de 250 manuscritos que poderiam ter sido incendiados. Além disso, os acadêmicos disponibilizaram esses trabalhos para outros acadêmicos em uma escala sem precedentes: centenas de copistas foram empregados para colocar os textos em circulação (BACKMAN, 2003 p. 434)².

Dentre as famosas viagens feitas durante o período da idade média, Trigo (2019, p. 9) comenta sobre a de “Paulo, que partiu de Damasco para Jerusalém, Atenas, Éfeso e Roma, em viagens missionárias para difundir o cristianismo” costume esse que se intensificou durante o período.

² Em livre tradução de: “Giovanni Aurispa travelled east to Constantinople in the years prior to the Turkish siege and came back with nearly 250 manuscripts that might otherwise have gone up in flames. Moreover, scholars made these works available to other scholars on an unprecedented scale: Hundreds of copyists were employed to get the texts in circulation”.

Muito do que foi herdado de experiências de viagens também foram incorporadas de hábitos de viajantes do período Medieval, como afirma Buckman (2003, p. 1):

Por que compramos bugigangas turísticas quando viajamos - como chaveiros da Torre Eiffel para provar que estivemos em Paris ou canecas de cerveja para comemorar nossas viagens a Munique? Porque os peregrinos medievais empreenderam suas viagens como penitência imposta por seus pecados e tiveram que fornecer prova de suas jornadas bem-sucedidas para receber perdão; trazendo de volta uma marca registrada utensílios locais era a maneira mais fácil de provar que alguém realmente alcançara destino designado (BUCKMAN, 2003, p. 1)³.

Ainda sobre o período medieval, Boiteux (2009, p. 3) observa também que “um hábito da nobreza, que começa a enviar seus filhos para estudar nos grandes centros europeus, nascendo os primórdios do chamado “intercâmbio cultural” incluindo, assim, mais uma forma de turismo que seria posteriormente desenvolvido.

Trigo (2019, p. 7) ainda acrescenta que esses jovens estudantes “eram acompanhados por tutores, encarregados de proteger e ensinar aos pupilos as complexas e sutis teias sociais da época”.

Durante a idade moderna, e com a vinda das grandes navegações, foram adicionadas diferentes motivações, especialmente no que diz respeito às estimuladas pela religião, como descreve Trigo (2019, p. 9):

A partir do século XVI, os padres e monges jesuítas, dominicanos e franciscanos partiram para terras ocupadas pelos europeus nas Américas, África e Ásia, acompanhando navegadores, soldados, comerciantes e funcionários imperiais (TRIGO, 2019, p. 9)

Conforme as tecnologias iam evoluindo, também foram sendo acrescentadas modernizações que facilitavam a atividade do turismo, por exemplo, de acordo com Ito (2008) “O crescimento da malha ferroviária no

³ Em livre tradução de: Why do we purchase tourist trinkets when we travel—such as Eiffel Tower key chains to prove we’ve been to Paris, or beer steins to commemorate our trips to Munich? Because medieval pilgrims often undertook their voyages as an imposed penance for their sins and had to provide proof of their successful journeys in order to receive pardon; bringing back a trademark local ware was the easiest way of proving that one had in fact reached one’s assigned destination.

século XIX facilitou as viagens, como também permitiu deslocamentos mais longos e rápidos. Com as transformações socioeconômicas da Europa, especialmente a acumulação de riqueza, criou-se em curto período um vasto mercado para o turismo” permitindo, assim ampliar a variedade de destinos para a população da época.

Em 1841 Thomas Cook consolidou a atividade, abrindo o que é considerada a primeira agência de viagem do mundo e realizando excursões e passeios entre os Estados Unidos e a Europa (ITO, 2008, p. 6)

É importante ressaltar também que não apenas o turismo como atividade humana de deslocamento foi sendo moldado, mas também sua importância como valorização do patrimônio cultural, como salienta Brusadin (2015, p. 16):

A questão da memória, da busca identitária e da apresentação do passado como patrimônio cultural apresenta-se como uma rica fronteira entre os campos do saber da História e do Turismo. A construção / invenção do passado, enquanto lugar de memória para quem viaja, parte de interpretações que são instrumentalmente inseridas no método da História, mas, também, são construções de caráter popular, lendário e mitológico. (BRUSADIN, 2015, p. 16)

Assim, portanto, é importante salientar que, apesar dos diversos períodos históricos pelos quais a ideia de viagens e em como os diversos deslocamentos humanos foram sendo construídos, o foco desse viajante (MENESES, 2004), assim como desta dissertação, é de que aconteça uma fuga do cotidiano e que se opte por conhecer diferentes culturas, aprender sobre a memória histórica daquela comunidade local.

Deste modo, portanto, faz-se importante acrescentar o conceito de memória e suas relações tanto com o turismo como na consolidação de identidade que é incorporado tanto pela comunidade local quanto pelo turista.

De acordo com Lemos (2000) a memória são os sentidos, lembranças e história das pessoas que os possuem.

A memória, notadamente a memória familiar, é sobretudo história. É o modo pelo qual o indivíduo mobiliza seu passado e atribui um sentido. A memória é o resultado do trabalho de reapropriação e de negociação que toda pessoa faz em relação ao passado fundador de sua identidade, ou de sua ilusão identitária. (LINS, 2000, p. 9)

A herança cultural, de acordo com Moura (2016 p. 18), encontra-se “sedimentada na memória colectiva e nas valências simbólicas que apresenta, testemunhando permanentemente a criatividade do espírito e a luta e afirmação do homem contra o meio adverso”. A memória, portanto, faz parte de um grupo de componentes que forma a identidade cultural de um determinado grupo.

Para Moura (2016) essa herança cultural, associada ao processo de memória adquirido por cada comunidade é resultado de um longo processo de elementos como os patrimônios materiais e imateriais, costumes e tradições decorrentes do “processo de existência das sociedades implantadas no espaço e no tempo, em interacção com factores da mais variada ordem”(MOURA, 2016, p. 18).

Desta maneira a valorização do património cultural não apenas se vale de enaltecer as tradições locais, mas também começa a gerar outros benefícios como “pode oferecer possibilidades de criação de empregos, treino profissional e qualificação” já que “muitas atividades ligadas ao património podem ser suportadas, com maior ou menor facilidade, por autoridades e instituições locais”(MOURA, 2016, p. 19) proporcionando não apenas avanços econômicos, mas tecnológicos.

Tais avanços no turismo fizeram com que crescesse o interesse de governos e pesquisadores para incentivar a atividade, como comenta Richards (2003, p. 2) que “houve um crescimento dramático na pesquisa sobre turismo cultural nas últimas décadas, busca por experiências culturais tem se tornado uma das principais motivações para pessoas viajarem”⁴.

Assim como o Turismo evoluiu com o passar dos séculos, de acordo com Pérez (2009, p. 106) “a natureza cultural de muitas viagens é bem antiga, assim na Idade Média viajantes como Marco Polo mudaram a concepção de mundo” além disso “pessoas com um capital cultural específico, algumas das experiências daqueles viajantes do passado são, em certa medida, semelhantes às dos turistas culturais actuais” (PÉREZ, 2009, p. 106).

O próprio conceito de cultura compartilha e reconhece essa mistura de diferentes culturas, como explica Smith (2003, p. 10):

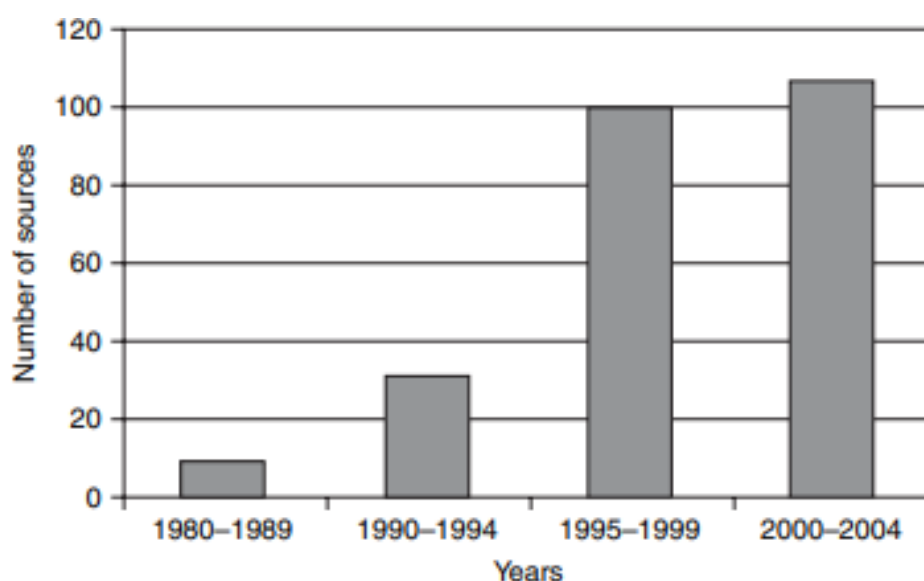
⁴ Em livre tradução de: There has been a dramatic growth in cultural tourism research in recent decades as the search for cultural experiences has become one of the leading motivations for people to travel.

A palavra cultura é criada através da crescente interconectividade de diversas culturas locais, bem como através do desenvolvimento de culturas sem uma clara ancoragem em qualquer território. Estas estão se tornando subculturas, por assim dizer, dentro do todo mais amplo (SMITH, 2003, p. 10)⁵.

Portanto, é possível que o crescimento do turismo cultural tenha crescido com os anos, uma vez que a relevância histórica de alguns locais os tenha feito estimular a enaltecer suas atrações, a fim de valorizar sua cultura para outras nações, como comenta Richards (2003, p. 3) “para serem capaz de atrair um grande número de turistas que valorizem seu conteúdo cultural e maximizem os impactos econômicos”⁶.

Smith (2003, p. 2) faz uma análise do crescimento do turismo cultural conforme figura abaixo (Figura 2):

TABELA 1: CRESCIMENTO DO TURISMO CULTURAL



Fonte: Crescimento do turismo Cultural, por período de tempo (SMITH, 2003, p. 2)

Pérez (2009, p. 108) também confirma esse crescimento quando comenta que “De acordo com dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) em 1995, 37% das viagens foram definidas como culturais, o que

⁵ Em livre tradução de: The word culture is created through the increasing nterconnectedness of varied local cultures, as well as through the development of cultures without a clear anchorage in any one territory. These are all becoming sub-cultures, as it were, within the wider whole.

⁶ Em livre tradução de: depend on being able to attract large numbers of cultural tourists to valorize their cultural content and to maximize economic impacts

representa 199 milhões de pessoas” afirmando a importância do turismo cultural.

Smith (2003, p. 12) também comenta que:

O processo de globalização levou à hibridação de diferentes formas culturais, e a descolonização e imigração contribuíram positivamente ao multiculturalismo da cidade global. No entanto, questões relacionadas à integração cultural, construção e representação de identidade também têm se destacado nos estudos culturais da literatura nas últimas décadas (SMITH, 2003, p. 12)⁷.

Em acordo com o citado acima, Richards (2003, p. 4) também define que:

A multiplicação de instalações culturais e eventos ao redor do mundo estimularam a discussão sobre a autenticidade de diferentes formas de cultura usadas no propósito do turismo. Grande parte dessa pesquisa foi conduzido através de entrevistas aprofundadas com turistas e produtores culturais, e cada vez mais, através da análise de conteúdo de documentos escritos e mídia digital relacionados a esses recursos (RICHARDS, 2003, p. 4)⁸.

Por fim, Pérez (2009, p. 109) comenta sobre duas abordagens para entender o turismo cultural, sendo a primeira delas:

A perspectiva dos lugares e dos monumentos. Implica escrever os tipos de atrações visitadas e pensar a cultura como um simples produto. Desde o ponto de vista da estratégia de investigação a seguir, esta seria fundamentalmente quantitativa e focaria as actividades e as motivações dos turistas culturais (PÉREZ, 2009, p. 109).

⁷ Em livre tradução de: The process of globalisation has led to the hybridisation of A framework for cultural tourism studies different cultural forms, and decolonisation and immigration have contributed positively to the multiculturalism of the global city. However, issues pertaining to cultural integration identity construction and representation have also been prominent in cultural studies literature over the past few decades.

⁸ Em livre tradução de: The multiplication of cultural facilities and events around the globe has stimulated the discussion about the authenticity of different forms of culture used for tourism purposes. Much of this research has been conducted through in-depth interviews with tourists and cultural producers, and increasingly through content analysis of written documents and digital media relating to such features.

Que seria como uma primeira abordagem para entender o valor do atrativo cultural em questão, mas de uma maneira quantitativa, então ele continua com uma abordagem qualitativa:

A perspectiva conceptual questiona os porquês e como as pessoas vêem e praticam turismo cultural. Sublinha mais os sentidos, as práticas discursivas, os significados e as experiências (PÉREZ, 2009, p. 109).

Há diversas motivações atuais para justificar o turismo na Idade contemporânea que podem parecer diferentes das praticadas na Idade Média, por exemplo, mas o “desejo por outros lugares que, na história mundial registrada, foi traduzido em uma necessidade poderosa de “conquista em massa” inexplicáveis⁹” (TUUK, 2020, p. 15).

Para Tuuk (2020, p. 15) também, apesar de “os instintos nômades estão profundamente enraizados nos genes do homo sapiens¹⁰”, ele também admite que o turismo em massa começou de maneira intensiva apenas recentemente, por volta dos anos 60, assim como alguns valores.

Apesar dos estímulos similares, as mudanças tecnológicas, culturais, sociais e até ambientais implicaram em um turismo contemporâneo ainda mais dinâmico.

Na era romântica, por exemplo, o turista moderno estava interessado em conhecer lugares intocados ou autênticos para a sua comunidade com a pessoa amada (TUUK, 2020), mas atualmente o turista se depara com destinos já completamente mapeados e visitados de diversas formas apresentadas por guias de agências de viagem ao redor do mundo (TUUK, 2020).

Portanto, o desenvolvimento do turismo, não só como atividade econômica, mas como prática de estímulo da valorização cultural que ocorreu durante os mais distintos períodos históricos neste trabalho retratados, como a Idade Antiga, e Idade Média, a Idade Moderna e a Contemporânea foi importante para

⁹ Em livre tradução de: Urge for elsewhere which, in recorded world history, has been translated into a powerful need to conquer and into inexplicable mass exoduses.

¹⁰ Em livre tradução de: it is safe to assume that nomadic instincts are deeply rooted in homo sapiens genes.

contribuir, principalmente, no respeito pelas diversas culturas existentes, além de prezar pela manutenção dos patrimônios culturais deixados.

7 PEREGRINAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM O TURISMO

A atividade da peregrinação vem sendo estudada e praticada através dos séculos por diferentes movimentos humanos sendo o mais comum deles o motivo religioso.

O movimento de peregrinação com motivação religiosa, em função da busca pelo sagrado, foi o motivo de fixação de residência e do desenvolvimento das artes que florescia em função das crenças (ROSENDAHL, 1999) e que consistiam na transformação de um determinado lugar em sagrado. A construção de monumentos e acontecimentos históricos contribuíram para o desenvolvimento do conceito do maravilhoso, que para o período tratado, tinha uma definição parecida com a do milagre, que significava algo mais profundamente ligado a Deus, mas poderia ser utilizado também termos pagãos e serem associados (pelos cristãos) com o diabo (LE GOFF, 2002) e como se dava sua visão em lugares e monumentos ditos sagrados “mas foi entre os séculos XI e XII que a peregrinação a um determinado santuário superou, na itinerância religiosa, a peregrinação ascética de expatriação. Só então a palavra *peregrinus* deixou de designar o expatriado para assumir seu sentido atual, de viajante religioso” (LE GOFF, 2002, p. 355).

A atividade da peregrinação vem sendo estudada e praticada através dos séculos por diferentes religiões e engloba a troca de diferentes culturas praticadas pela interação dos moradores com os visitantes que recebem podendo promover o desenvolvimento local.

Sair de sua residência movidos pela necessidade de buscar vivenciar o que se acreditava (e ainda acredita) ser o caminho rumo a Deus durante a Idade Média não se tratava somente em explorar lugares sagrados ou da busca pelo perdão divino (FRANÇA, 2018, p. 8), mas significava quase uma obrigação, uma vez que a prática tinha uma passagem bíblica que mencionava o povo judeu rumo à terra prometida.

Segundo França (2018, p. 8) “entre os séculos IV e VII, o mundo romano foi sendo aos poucos modificado pela migração de povos originários da Europa e do noroeste da Ásia; povos muito variados que se misturaram a diferentes populações.” Levando a crer que, apesar da prática da peregrinação ser inicialmente uma atividade cristã, não foi se desenvolvendo com exclusividade em uma única religião ou um único povo, mas incorporando diferentes culturas.

A influência que os monumentos, em especial os religiosos, exerciam sobre a sociedade medieval de acordo com Rosendahl (1999, p. 60) causavam “a atração ocasional de homens a esses centros, não motivada por necessidade de residência fixa e sim pelo estímulo espiritual”. Isso impulsionou

a prática da peregrinação enquanto importante movimento humano, onde a Catedral de Hagia Sophia, teve uma grande contribuição para o desenvolvimento dessa atividade de peregrinação.

Essa Catedral, enquanto monumento histórico de elevado valor vem sendo usufruída pelas sociedades que a impõe importância histórica e cultural além de elementos religiosos.

Adentrando no tema monumento, considera-se relevante apresentar que a origem do termo “é do latim monumentum, que por sua vez deriva de monere (advertir, lembrar), aquilo que traz à lembrança de alguma coisa” (CHOAY, 2001, p. 17), ligando-o diretamente à memória, e que em seu sentido amplo:

O monumento muito se assemelha a um universo cultural sob múltiplas formas, ele parece presente em todos os continentes e em praticamente todas as sociedades, dotadas ou não de escrita. O monumento, dependendo do caso, recusa as inscrições ou as acolhe, ora como parcimônia, ora de forma bem liberal, chegando às vezes a se deixar cobrir por elas, tendendo a acumular outras funções. (CHOAY, 2001, p. 18).

Através dos séculos a importância do monumento em si e de sua influência na sociedade mudou de acordo com as questões culturais de cada época. Na antiguidade, época tratada neste trabalho, a função antropológica do monumento era mais evidente, principalmente pelo maior interesse intelectual desses povos por essas construções históricas.

Já na Idade Média, todos os monumentos eram avaliados e seus valores eram definidos de acordo com a vontade da Igreja, o que fazia com que muitos dos monumentos antigos (ROSENDAHL, 1999, p. 60), por não demonstrarem qualquer ligação com esses valores acabaram por não serem reconhecidos. Nesse sentido, Choay (2001, p. 108). Acrescenta que “[...] poder-se-ia parafrasear o famoso depoimento de Vasari sobre a destruição de monumentos antigos promovidas na Idade Média” (Hermant¹¹, citado por Choay (2001, p. 108) que dizia “Aquilo não se fez por ódio às artes, mas para insultar e destruir os Deuses pagãos”.

¹¹ HERMANT, D. “Le vandalisme révolutionnaire”, Annales, Paris, jul.-ago de 1978.

De acordo com Rosendahl (1999, p. 31), não havia exatamente uma aversão à arte por parte da Igreja e sim uma luta interna para que mantivesse a população sem conhecimento e interesse pelas antigas religiões, pois:

Romper com o passado não significa abolir sua memória nem destruir seus monumentos, mas conservar tanto uma quanto outros, num movimento dialético que, de forma simultânea, assume e ultrapassa seu sentido histórico original, integrando-o num novo estrato semântico. (CHOAY, 2001, p. 113).

Com a chegada da Idade Média e, com ela, diferentes religiões, trouxeram novas maneiras de pensar, novas culturas, e com isso, o significado do “maravilhoso” foi sendo adaptado para se encaixar aos novos padrões de costumes.

Para melhor entender a visão diferenciada da sociedade Medieval para conceito e sentido do maravilhoso faz-se necessário perceber que o adjetivo de “maravilhoso” para a época era o *mirabilis*⁵, no entanto a melhor definição de “maravilhoso” está na palavra *mirabilia*, que representa “não apenas coisas que o homem pode admirar com os olhos, coisas que perante as quais se arregalam os olhos”. (LE GOFF, 1990, p. 50).

É importante ressaltar que houve também um processo de rejeição que poderia adicionalmente diferenciar a sociedade medieval e moderna discutidas neste texto. Em uma cultura católica muitas vezes motivada a destruir todo e qualquer objeto pagão, acabava por repreender tudo aquilo que poderia significar o maravilhoso na época, como explica Le Goff ao considerar que:

A preocupação por parte da igreja de transformar –até dar-lhe um significado de tal modo novo que o fenômeno que temos perante nós já não é o mesmo – ou de ocultar e eventualmente até destruir aquilo que para ela representava um dos elementos quicá mais perigosos da cultura tradicional, por ela globalmente qualificada como pagã: o maravilhoso, que exercia sobre os espíritos uma evidente sedução, que constitui uma das suas funções na cultura e na sociedade. (LE GOFF, 1990, p. 20).

Para a igreja católica, durante a idade média havia ainda dois tipos de “maravilhoso” compreendidos (e também comentado por Jacques Le Goff). Aquele que mostrava aquilo que é chamado de “diferente”, assim como pelo “mágico” era chamado de *Magicus* e a igreja o reconhecia como magia negra e

o considerava junto com a existência do Diabo (LE GOFF, 1990, p. 50). Portanto, o *magicus* era o apontado como sobrenatural maléfico ou satânico.

Por conseguinte o oposto da definição do *Magicus* é revelado então como o “maravilhoso” cristão, representado pelo termo que procede do *miraculosus* e era exatamente o que é conhecido por milagre, o *miraculum*, e sua utilização assim como seu significado também pode ser melhor explicado por Le Goff ao afirmar que “parece-me poder dizer, sem exagerar, que o maravilhoso foi em última análise uma forma de resistência à ideologia oficial do cristianismo, embora não tenha sido esta por certo a sua única função, mas uma das mais importantes”. (LE GOFF, p. 51 1990).

Observa-se, assim, inevitável falar de “maravilhoso” na Idade Média sem mencionar a igreja e suas influências no cotidiano e na cultura da população. Era então essencial substituir os sentidos do “maravilhoso” para a sociedade da época a fim de que ninguém questionasse ou fosse erroneamente influenciado.

A recuperação cristã canalizou o maravilhoso, por um lado, para o milagre, por outro, para a recuperação simbólica e parenética [...] Inicialmente, temos versões que nos contam maravilhas sem que delas nos sejam apontados significados e explicações simbólicas. (LE GOFF, 1990, p. 27).

Importante também é ressaltar que a influência do “maravilhoso”, assim como era mostrado e aclamado pelos antigos, só voltou a ser respeitado com a chegada do renascimento, ainda com um sentido cristão, mas já sem repressão, comentado por Françoise Choay:

O valor quase mágico atribuído aos remanescentes da Antiguidade, a curiosidade que despertam, o prazer que eles oferecem aos olhos são exemplificados nos manuscritos de dois clérigos do século XII. Com seus *Mirabilia urbis Romae*, Benedictus, cônego de São Pedro, apresenta, por volta de 1155, o primeiro guia dedicado exclusivamente aos monumentos pagãos de Roma, no qual as identificações geralmente fantasistas, são, porém, sempre ligadas a lembranças literárias. (CHOAY, 2006, p. 38).

Sabe-se da existência do termo *mirabilia* mesmo antes da Idade Média, onde os antigos já haviam acumulado também muitas obras literárias a respeito do diferente estrangeiro “[...] o gosto pelos *mirabilia* se consagra no final do V a.C.” (MORAIS, 2004, p. 77) assim como também através de questões políticas

também vindos dos costumes antigos conforme apresentados por Jacques Le Goff, onde, em seu estudo aponta o uso do maravilhoso na manipulação do cotidiano da sociedade, muitas vezes utilizado pela nobreza e realeza:

O amplo alcance do maravilhoso medieval depende exactamente de um seu desenvolvimento interno, pelo qual o maravilhoso se estimula, se alarga e assume proporções ambiciosas e por vezes extravagantes. É por exemplo de dois sectores que me parecem mais característicos da Idade Média que de outras épocas: o maravilhoso quotidiano e o maravilhoso político. (LE GOFF, 1990, p. 25).

Incorporando, portanto, o conceito de maravilhoso na realidade cultural da sociedade medieval, é admissível compará-lo com produção do espaço e identidade que permanecia sofrendo mudanças através dos tempos. Por este motivo, pode-se dizer que a sociedade faz o espaço. Suas práticas culturais, políticas e religiosas dentro desse espaço são responsáveis por caracterizá-lo. Essa caracterização ocorre em função das ações humanas feitas diretamente nesse espaço e que fazem parte de seu cotidiano, mas não apenas das transformações ocorridas pela sociedade que atualmente vive naquele ambiente, pois essa produção de espaço se dá através de todas as ações exercidas ao longo da existência desse espaço não só dos que começaram a formá-lo, mas também da natureza, clima etc. (LEFEBVRE, 1981).

No âmbito da vida prática, das atividades desenvolvidas pelos homens, o período medieval caracterizou-se por um incremento da relação do homem com o meio bastante ímpar se comparado às maiores inovações da Idade Antiga. (BAUAB, 2005, p. 47).

Dentre as atividades desenvolvidas durante esse período, e que caracterizam essa dinâmica do homem com o meio, podem-se citar as peregrinações que com seu movimento contribuíram para a produção do espaço não apenas em suas características físicas como área ou divisão de acordo com necessidades humanas da época, mas também pelas tradições religiosas da época. Também é importante ressaltar que o espaço não pode ser considerado algo acabado, está sempre em construção e permeado por valores dados ao espaço considerando o cotidiano da população local e, conseqüentemente, na

sua cultura e na sua identidade, observando-se as diferenças alimentares, educacionais e religiosas.

Em especial na Antiguidade, a produção do espaço incluía assimilação de outras culturas pela influência religiosa, pois, “bastava que uma divindade de certa família adquirisse grande prestígio, quer pela superstição dos homens ou pela prosperidade demonstrada pela família, para que a tribo desejasse adotar o seu deus e o seu culto.” (ROSENDAHL, 1999, p. 16).

Já nas sociedades medievais a influência era quase única da igreja católica. No entanto a chegada da necessidade de modernizar o meio e modificar a natureza também foram fatores contribuintes para as mudanças nos espaços.

A nova sociedade Europeia que compunha a Idade Média passou por uma profunda mudança em sua divisão e ocupação do espaço, principalmente pela forma de vida voltada apenas para uma religião que não apenas influenciava, mas alterava e governava todo modo de vida daquela sociedade.

O homem medieval desbravou florestas, drenou pântanos, não apenas colonizou no norte e no leste da Europa, imensas regiões quase desertas, mas mesmo no interior das antigas regiões romanizadas, duplicou, quando não triplicou, em média o rendimento das terras, alcançando um nível de transformação que somente foi superada a partir do salto técnico datado de meados do século XIX. (BAUAB, 2005, p. 47).

Mesmo assim é preciso que se diga que na Idade Média também houve uma relação entre o homem, natureza e suas interações de uma maneira muito mais profunda do que como acontecia na Idade Antiga. Até porque, a Igreja mesmo afirmava que o homem vivia como colaborador de Deus (BAUAB, 2005, p. 49) e, portanto, cabiam a ele as transformações e destruições necessárias para uma melhor caracterização do meio com a Igreja. Isso é bem visível quando é exposta, por exemplo, a construção de mosteiros e até mesmo igrejas. Naquela época, também, já havia todo o simbolismo em cima de questões como, por exemplo, de consagrar lugares de onde vinham alguns santos e, principalmente de Jesus Cristo e Maria. (BAUAB, 2005, p. 49)

A natureza fora, de fato, derramada sobre o mundo para bem cumprir o desígnio de uma terra feita – e refeita após o Dilúvio – para servir de morada do homem, para propiciar o seu desenvolvimento espiritual que, nos primórdios da Idade Média, é tomado, seguindo a tradição clássica da separação entre mão

e mente, enquanto independente do labor sobre a matéria. Portanto, dominá-la não implica uma tarefa diretamente ligada à elevação da alma, mas coloca-se enquanto condição indispensável para o vir a ser plenamente bem que permeia de sentido, pelo menos em termos de teologia e pregação, o viver do cristão em um mundo que deve relegar ao passado os resquícios do pecado original (GLACKEN, 1996, Apud: BAUAB, 2005, p. 51).

Para completar, Bauab (2005, p. 51) ainda comenta sobre o papel do homem na Idade Média, dizendo que:

Ao homem cabe, portanto, o papel de desenvolver a sua inteligência no sentido de terminar, governar e adornar a criação ou mesmo, como pensava São Basílio, de aperfeiçoar a sua inteligência debruçando-se acerca de alguns detalhes que Deus deixou em silêncio, tais como o modo como vieram a ser a água, o ar e o fogo (GLACKEN, 1996, Apud: BAUAB, 2005, p. 51).

É possível entender melhor a caracterização de espaço sagrado quando é retratado o seu espaço religioso, onde, apesar de, aparentemente, haver um crescimento espacial em função do crescimento urbano, ou mais precisamente da evolução de seu espaço político, seu desenvolvimento ocorre através do reconhecimento e da transformação de um determinado espaço em sagrado, e ele é assim nominado por convenção do homem em função de algum acontecimento, de alguma construção arquitetônica ou apenas de algum espaço de importância religiosa:

Os conteúdos religiosos mediam o espaço, explicam a natureza, fazendo deles instrumentos, portanto, de contato com a divindade. Nisso tudo, podemos falar que a interpretação de tempo o fazia, também mediado por conteúdos religiosos. (BAUAB, 2005, p. 26).

Para melhor compreender o sentido do espaço religioso, é necessário entender o conceito e as implicações desse espaço, que é considerado sagrado por aqueles que o ocupam e o visita. É amplamente aceito que, desde os primórdios, existiam dentro das cidades, alguma arquitetura, praça ou prédio que representavam a parte religiosa do local, geralmente localizadas nos centros. (ROSENDAHL, 1999, p. 95).

Nessa época também ficaram não só famosas, mas também muito praticadas as chamadas peregrinações cristãs, que tiveram características diferentes, dependendo da região ou religião retratada (BARRETTO, 2003, p.

45). Essas peregrinações poderiam acontecer tanto por terra, quanto por mar e foram tão importantes para a época que implicaram inclusive em troca de moedas para atender essa demanda específica (BARRETTO, 2003, p. 45):

[...] criou-se a irmandade dos trocadores de moeda para atender à diversidade de moeda circulante no local e, em 1140, o peregrino francês Aymeric Picaud escreveu cinco volumes com as histórias do apóstolo Santiago e com um roteiro de viagem indicando como chegar lá a partir da França. Diz-se que este foi o primeiro guia impresso. (BARRETTO, 2003, p. 46).

A importância desses centros reflete não só na população local, mas também nas cidades vizinhas, que geralmente compartilhavam das mesmas crenças, etc, onde já existiam práticas de peregrinação, pois, “a atração ocasional dos homens a esses centros, não motivada por necessidade de residência fixa e sim pelo estímulo espiritual, continua sendo um dos critérios essenciais definidores da cidade-santuário.” (ROSENDAHL, 1999, p. 14).

Também é possível acrescentar a existência dessas práticas de peregrinação tanto na Idade Antiga, como na Idade Média. Na antiguidade, uma vez que era tradicional admirar uma maravilha era também necessário fazer com os próprios olhos. E os grandes monumentos e obras eram conhecidos e comentados por todas as comunidades e englobavam mais de uma sociedade – levando em consideração o fato de que elas, em determinada época, existiam simultaneamente- e que fazia parte de todas elas a construção e adoração de grandes feitos. Era assim que elas ficavam famosas e era assim que surgiam as histórias (MORAIS, 2004, p. 52).

Na Idade Média, essas práticas foram ainda maiores, pois além de haver um grande interesse por parte da população “olhar e admirar” as obras definidas maravilhosas pela igreja, estimulavam as peregrinações, sendo, principalmente nessa época, quase uma obrigação imposta (LE GOFF, 2002, p. 355).

A atividade da peregrinação também sofreu grandes transformações ao longo da Idade Média, uma vez que foram englobando aos poucos diferentes grupos e ampliando o interesse que essa população realmente buscava, e que variava de acordo com a época, com a região e classe social dos envolvidos, que poderiam ser estudantes em busca de conhecimento, monges, reis ou mesmo soldados. (LE GOFF, 2002, p.354).

Mas, ao analisar as atividades praticadas por esses peregrinos, assim como seu conceito, que provém do latim *peregrinus*, que significa estrangeiro, pessoa que anda por terras distantes, viajante, (LE GOFF, 2002, p. 354) faz-se necessário observar que “agentes modeladores do espaço nas cidades santuário, têm a importante tarefa simbólica de produzir o arranjo espacial urbano” (ROSENDAHL, 1999, p. 27), pois a cidade com sua consequente produção do espaço “se organiza para os devotos”. (ROSENDAHL, 1999, p. 31), onde os “monumentos e documentos descobertos mostram que a ampliação geral do poder foi acompanhada por imagens e símbolos que brotam do inconsciente eram transferidos às formas de artes”. (ROSENDAHL, 1999, p. 17).

Pode-se entender, então, que no período histórico retratado neste trabalho as artes, em especial a com motivo religioso, impulsionaram as peregrinações que iniciaram na idade média e seu reflexo pode ser visto nos dias de hoje.

Assim como já discutido na relevância deste trabalho, a atividade da peregrinação vem sendo estudada e praticada através dos séculos por diferentes religiões e que engloba a troca de diferentes culturas além de promover o desenvolvimento local denominado sagrado. Esse processo de formação cultural ligado a outros fatores que consistem na transformação de um determinado lugar em sagrado, como monumentos e acontecimentos históricos, contribuem para o desenvolvimento do conceito do maravilhoso como se dá sua visão em lugares e monumentos ditos sagrados.

Há também um conhecimento de como todas essas atividades eram praticadas e quais seus sentidos na Idade Antiga e como se desenvolveu essa herança propagada durante séculos, evoluindo junto às sociedades existentes e em expansão até nos levar à prática que é conhecida hoje e como esse desenvolvimento foi se consolidando de um modo que ainda o torna importante e que ainda causa impactos de todos os lados já vistos.

No destino abordado por essa dissertação de mestrado, a Turquia, particularmente as motivações culturais e religiosas tiveram um crescimento rápido, de acordo com Turker (2016), em que o Ministério da Cultura e do Turismo decidiu promover diferentes segmentos do turismo na região, a fim de melhorar a quantidade de turistas e desenvolver a economia principalmente de pequenas comunidades e áreas rurais.

De acordo com Turker (2016), esse departamento de cultura e turismo conseguiu listas em torno de 316 monumentos religiosos em todo o país e, inclusive, Anatolian, que é uma região da Turquia, tem sua “história e cultura caracterizada pelo politeísmo (ou paganismo) religioso e também possui elementos Cristãos, Ortodoxos, Judeus e Islâmicos¹²” (TURKER, 2016, p. 151).

Desta forma é importante destacar as diferenças entre as motivações de peregrinação na Idade Média com a da Contemporânea.

Para Turker (2016), por exemplo, na Idade Média as motivações eram genuinamente religiosas e atualmente, mesmo que a razão principal seja a religião, as pessoas também buscam por outras atrações dentro do destino.

Butler e Suntikul (2020) também comentam que os diversos segmentos que se originaram de religiões já existentes, como os protestantes ou sefarditas, do judaísmo, por exemplo, incluíram ou contestaram algumas celebrações e tradições que trouxeram alguns conflitos e proibições entre eles e que, de alguma forma, também influenciaram no turismo.

A peregrinação e o turismo religioso são também pontos que Butler e Suntikul (2020) também analisam como sendo os segmentos que ainda irão sofrer muitas alterações nas previsões de motivações para o turismo.

Algumas dessas alterações dizem respeito aos próprios peregrinos, que, de acordo com Souza (2018), que tem mais acesso a informações históricas, geográficas, econômicas e culturais sobre as regiões. O que leva à atual *cyberperegrinação*:

Diante desta base, é possível ao *ciber-peregrino* a realização de preces e doações online, acender velas virtuais, conhecer os caminhos e a estrutura dos centros de peregrinação e acompanhar celebrações em tempo real. Pensa-se, portanto, que a utilização destes recursos pode levar à visita física, contribuindo, incisivamente, para a constituição simbólica dos espaços de peregrinação (SOUZA, 2018 p. 690).

Há uma previsão de que o Islamismo até o ano de 2050, irá superar o Catolicismo em quantidade de adeptos e que, a maioria dos católicos irão se concentrar no continente africano (BUTLER e SUNTIKUL, 2020) o que se supõe

¹² Em livre tradução de: The Anatolian (Turkish) history and culture is characterized by the polytheistic (or pagan) religious, as well as Christian, Orthodox Christian, Jewish, and Islamic elements.

uma mudança na motivação e quantidade de turistas para determinados destinos, apesar de, de acordo com Butler e Suntikul (2020) a extensão dessa mudança seja impossível de se prever.

O progresso em restauração e proteção de monumentos, tradições e regiões onde o turismo religioso ou peregrinação está em constante movimento. Esses lugares não são apenas importantes para as religiões ou para os fiéis, mas para a humanidade (TURKER, 2016).

Independentemente da espiritualidade de cada um, a busca pela cultura e sua valorização não influencia apenas reconhecimento dessa cultura, mas também na economia local, promovendo crescimento e desenvolvimento para a população.

8 HAGIA SOPHIA E O PERÍODO BIZANTINO: AS SINGULARIDADES DA TURQUIA

A cidade de Istambul, principal centro econômico da Turquia, está situada entre dois continentes: o europeu e asiático. É a maior cidade do país e a quarta maior do mundo (TURKEY, 2019), por mais de 1.500 anos foi capital

de três grandes impérios o Romano, o Bizantino e o Otomano, sendo desse segundo, onde suas principais edificações foram construídas (TURKEY, 2019).

FIGURA 2: IMAGEM DE MAPA DE ISTAMBUL



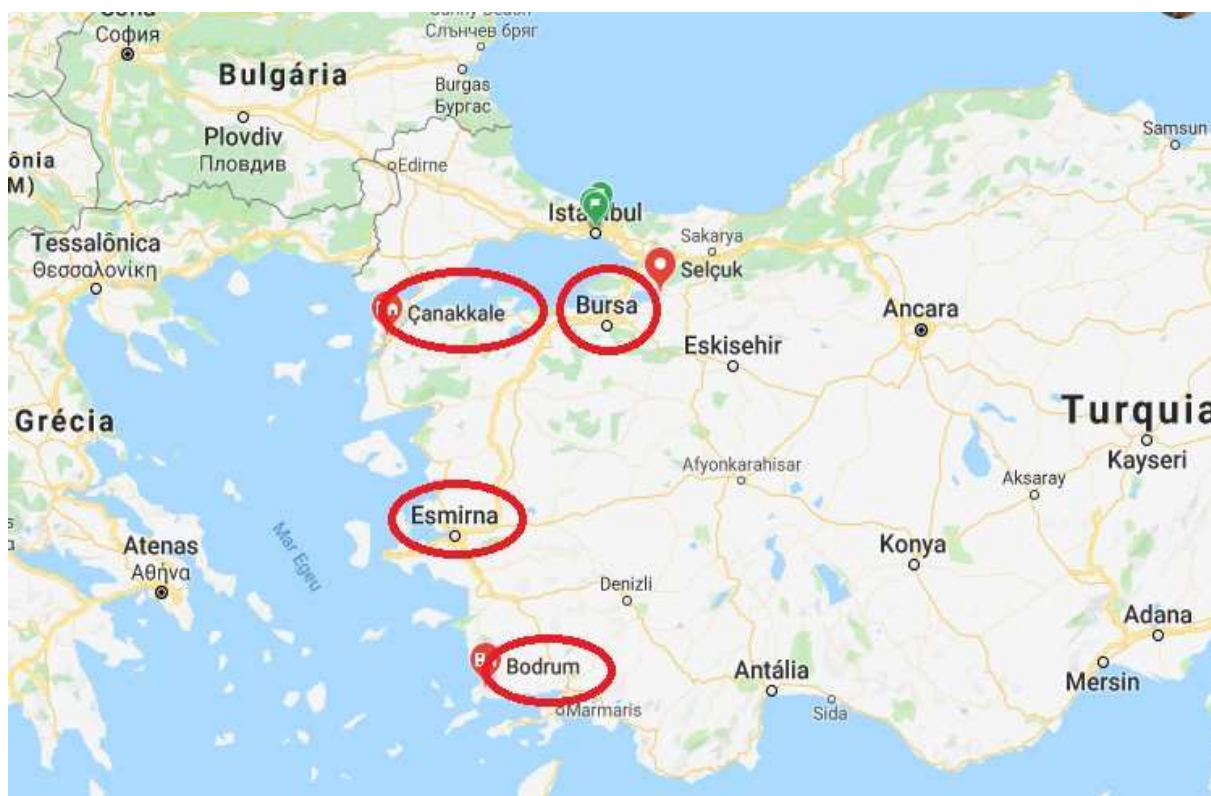
Fonte: Google Maps, 2019. Imagem de mapa

Entre os principais acontecimentos históricos da cidade e no país, pode-se citar a fundação da primeira cidade, *Çatal Hüyük*, em torno de 6.500 antes de Cristo, o domínio do Império Persa entre os anos de 550-334 a.C., a conversão da religião de Constantino para o cristianismo em 312 d.C. o concílio de Niceia em 325 d.C., além da queda de Constantinopla pelo império Otomano, em 1453, marcando o final da Idade Média (HOWARD, 2001). Esses eventos demonstram o quão dinâmico e singular foi o desenvolvimento da região, uma vez que sua localização estratégica dava acesso para importantes Impérios como o grego, romano e árabe.

Sua geografia foi também importante para questões turísticas, uma vez que algumas cidades de notabilidade histórica, conhecidas principalmente pelo significativo papel na história Grécia Antiga, eram, na verdade, localizadas na Turquia, como Halicarnasso (atual Bodrum), Tróia (hoje Hisarlik, em Çanakkale), Niceia (atual Iznik em Bursa) e Éfeso (atual Selçuk, Esmirna, conhecida por ser localização do templo de Artemis) (JONES, 1931). Cidades

que, pela relevância histórica por estarem relacionadas a importantes monumentos e eventos, são muito procuradas como destino turístico até hoje. Abaixo a localização de cada região:

FIGURA 3: IMAGEM DE MAPA DE ANTIGOS DESTINOS



Fonte: Google Maps, 2019. Imagem de mapa.

A localização do objeto de pesquisa para essa dissertação de mestrado, a Mesquita de Hagia Sophia, está situada em uma das regiões de maior importância arqueológica, histórica e turística de Istambul, o bairro de Sultanahmet, onde foi construída a Mesquita de Hagia Sophia, é uma famosa península conhecida desde a era neolítica cujas escavações sugerem que as primeiras comunidades já estariam lá desde 5.500 anos a.C. (CENGIZ, 2018).

A cidade de Istambul, inicialmente recebeu o nome de Bizâncio, em homenagem ao líder de um grupo grego chamados de Mégara, que fundaram a cidade em torno de 667 a.C. (MORGAN, 2007, p. 11) e foi como a cidade ficou conhecida até 330 d.C., quando Constantino refundou a cidade como a nova capital de Roma, de acordo com Morgan (2007, p. 11), como “Nova Roma,

em 330 d.C., esta nova capital ficou melhor conhecida como Constantinopla ou cidade de Constantino”¹³.

O Império Bizantino, como é conhecido, de acordo com Morgan (2007) trata-se do período entre 395 d.C. e 1453 d.C. que constituiu a queda do Império Romano pelo Imperador Justiniano. O termo “Bizantino” se referia à nova capital do Império Romano, a cidade de Bizâncio, atual Istambul.

O Período Bizantino começou a se consolidar muito antes de sua data oficial, já durante o declínio do Império Romano (RODGERS, 2013).

Rodgers (2013) afirma que durante o século III d.C., entre os anos de 235 e 285 o Império havia mudado de Imperador mais de 20 vezes, sendo que muitos deles reinaram apenas por alguns meses.

Muitos desses Imperadores eram corruptos (RODGERS, 2013), o que influenciou muito para a crise econômica que já acontecia pela escassez de alimentos, escravos, diminuição das conquistas e as frequentes invasões de outros povos.

O Imperador Diocleciano dividiu o Império Romano em duas partes, no ano de 286 d.C., sendo elas a Oriental e a Ocidental (MORGAN, 2007) reinando na parte oriental, cuja capital era a cidade de Bizâncio, e deixando a parte ocidental para seu amigo de confiança, o Militar Romano Maximian.

Quando Diocleciano morreu, em 306 d.C. (RODGERS, 2013), Constantino assumiu sua parte do Império e, em 312 d.C., decidiu atacar a parte do Império que pertencia a Maximian. Quando Constantino conquistou a capital Romana ocidental, ele dedicou sua vitória ao Deus Cristão, mesmo não sendo dessa religião (RODGERS, 2013).

O Império, no entanto, continuava dividido entre oriental e ocidental, mas entre Constantino, que ocupava o título romano de Caesar e Lucinius (GREGORY, 2005), que ocupava o título romano de Augusto.

Lucinius, apesar de manter um bom relacionamento com Constantino, era contra o Cristianismo e, de acordo com Gregory (2005), começou a perseguir os cristãos, o que fez com que houvesse um desentendimento entre

¹³ Em livre tradução de: “New Rome in 330 AD, this new capital became better known as Constantinople or the ‘city of Constantine’.

Constantino e Lucinius até a derrota de Lucinius em 324 d.C. e unificação de Roma (GREGORY, 2005).

Constantino, o Grande, como começou a ser chamado (GREGORY, 2005), foi o primeiro Imperador cristão da história, o que implicou em mudanças tanto no governo, quanto na cultura.

Entre os acontecimentos decorrentes dessa mudança foi o primeiro Concílio de Niceia em 20 de maio de 325 (GREGORY, 2005), onde o Imperador estava presente e apresentava intenção de unificar a Igreja. Importante ressaltar que a Igreja Cristã da qual Constantino seguia era a Ortodoxa.

De acordo com Cengiz (2018) foi inclusive a pedido dele a primeira Igreja de Hagia Sophia mas com o nome de Megale Ekklesia, que significa a Grande Igreja, foi construída junto com outros importantes monumentos da cidade como a praça de Sultanahmet e o Palácio Topkapi.

Em 330 d.C. Constantino mudou a capital do Império para a cidade de Bizâncio, que passou a se chamar Constantinopla (GREGORY, 2005), fazendo dele o primeiro Imperador Bizantino.

Após a Igreja de Megale Ekklesia ter sido incendiada em, aproximadamente, 360 d.C. (CENGIZ, 2018) a segunda construção só aconteceu em 415 d.C. durante o reinado de Theodósio II. No entanto ela foi destruída a mando da aristocracia local no ano de 532 d.C. como forma de confronto ao reinado de Justiniano (CENGIZ, 2018).

O período que Justiniano reinou ficou conhecido como a época de ouro do Império Bizantino, como mostrado por Gregory (2005):

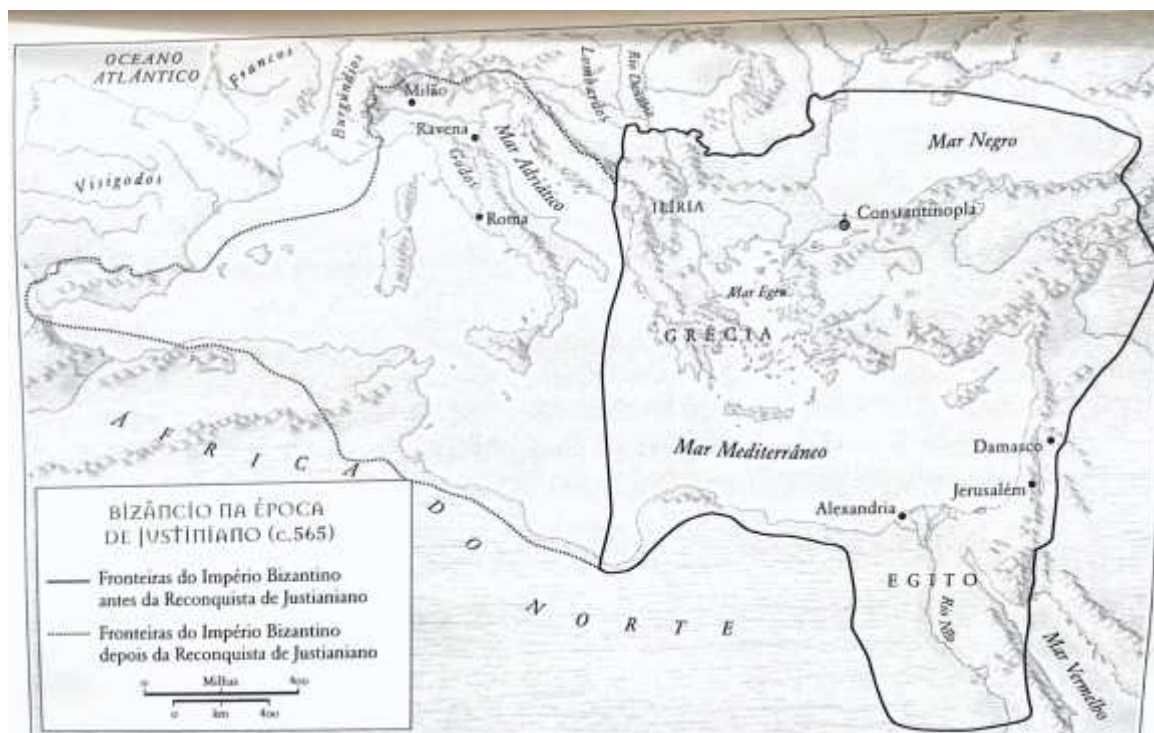
A incerteza de tempos antigos foi substituída pela confiança e da síntese da nova sociedade cristã. O reinado de Justiniano sempre será associado pela reconquista do ocidente que quase trouxe a restauração do antigo Império Romano, e ele sempre será conectado com a construção da Igreja Hagia Sophia, um dos preeminentes símbolos do Império Bizantino como um todo¹⁴ (GREGORY, 2005, p. 119).

¹⁴ Em livre tradução de: the uncertainty of earlier years was replaced by confidence and a new synthesis of ancient and christian society. Justinian's reign will always be associated with the reconquest of the West that nearly brought about the restoration of the old Roman Empire, and he will always be connected with the construction of the church of Hagia Sophia, one of the pre-eminent. Symbols of the Byzantine Empire as a whole.

O Imperador foi, então, o responsável pela última construção da Mesquita de Hagia Sophia, que também é a versão conhecida até os dias de hoje.

A figura 4 mostra a expansão do Império Bizantino durante o reinado de Justiniano, que demonstra a constante dinâmica do Império.

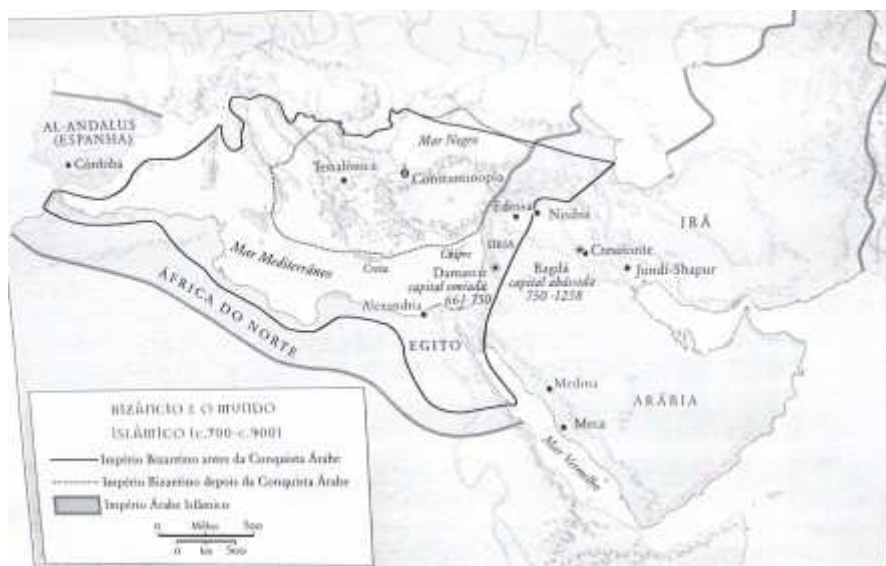
FIGURA 4: Bizâncio na época de Justiniano



Fonte: Wells, 2020, p. 19

Uma vez que a religião que representava o Período Bizantino era o cristianismo, então a arte da época também sofreu as influências dessa religião (RODGERS, 2013) e a mais famosa foi a arte em mosaicos. Importante ressaltar que a arte representava figuras santas do Cristianismo e eles quase sempre exprimiam rostos que pareciam infelizes, de acordo com Rodgers (2013), pois durante o século VIII era proibido pintar rostos felizes.

Para Rodgers (2013) o problema do grande crescimento do Império e suas construções começou a fazer com que povos vizinhos comesçassem a ficar invejosos e, associado com gastos excessivos e a dificuldade dos Imperadores



Fonte: Wells, 2020, p. 23.

Essa última figura retrata o início do declínio do Império Bizantino, até a conquista oficial do Império Otomano, em 1453.

Embora o Império Bizantino tenha durado até o final da Idade Média, no ano de 1453, o nome Constantinopla da capital persistiu durante os séculos seguintes e o nome Istambul só foi alterado oficialmente em 1930 (TURKEY, 2019).

Não somente o nome da cidade sofreu diversas alterações, mas também as religiões que por ali passaram. Constantino não foi apenas convertido para a religião cristã, mas garantiu que todo um império fosse convertido junto com ele e, por conta deste detalhe toda a cultura e o desenvolvimento do cristianismo tenha mudado junto, assim Morgan (2007, p. 12) comenta que:

Muitas crenças pagãs, histórias e idéias do mundo clássico sobreviveram e, de fato, foram incorporados à nova religião dominante. Túmulos e artigos de luxo, produzido em territórios bizantinos de diferentes épocas e períodos até a Idade Média, retratam pré-temas e imagens cristãs e desafiam a ideia de que a arte bizantina preocupava-se apenas com o conteúdo cristão (MORGAN, 2007, p. 12)¹⁵.

¹⁵ Em livre tradução de: “many pagan beliefs, stories and ideas from the classical world survived and, indeed, were incorporated into the new dominant religion. Grave goods and luxury items, produced in Byzantine territories from different time periods up until as late as the Middle Ages, depict pre-Christian themes and images and challenge the idea that Byzantine art was solely concerned with Christian content.”

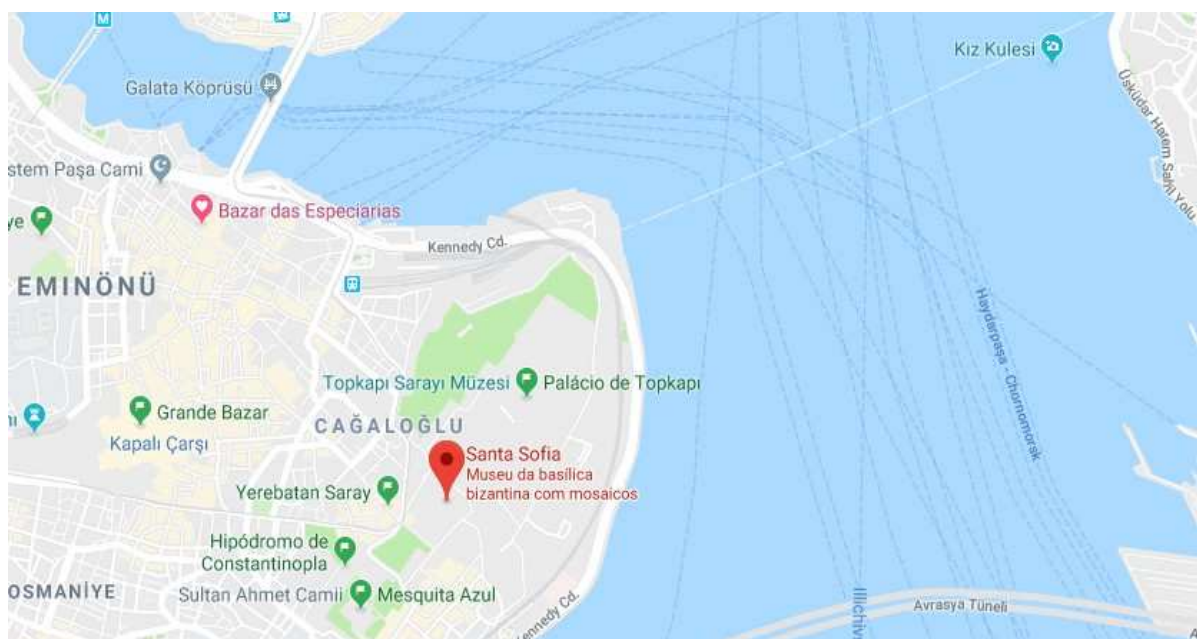
O cristianismo se manteve até o final do Período Bizantino, em 1453, com a chegada e conquista do Império Turco Otomano e, com ele, a consolidação da religião Islâmica na região, formada com a figura dos sultões como chefes de governo (MORGAN 2007, p. 125). A religião é a principal do país até os dias de hoje.

O Império Otomano durou até 1922, após a Primeira Guerra Mundial, e a república iniciou em 1923 quando o Sultão foi deposto (HOWARD, 2001, p. 1).

Atualmente a Turquia recebe anualmente em torno de 35.000.000 turistas sendo em sua maioria compostas por russos. Istambul recebe em média 13.000.000 por ano e aproximadamente 3.000.000 desses visitam a Hagia Sophia (TURKEY, 2019).

A Hagia Sophia, que funcionou como um museu até o dia 10 de julho de 2020, foi convertida novamente em Mesquita pelo atual governo que já tinha esse projeto uma vez que a população muçulmana representa cerca de 98% da população do país (GLOBAL RELIGIOUS FUTURE, 2019).

FIGURA 7: LOCALIZAÇÃO DA HAGIA SOPHIA.



Fonte: Google Maps, 2019. Imagem de mapa.

A administração da Mesquita fica a critério de funcionários do governo que trabalham em conjunto com representantes da UNESCO, já que se trata de um local tombado como patrimônio mundial. A gestão do museu é composta pelo diretor Hayrullah Cengiz e seus diretores assistentes, Ömer Severoğlu e Defne Bali, além de um grupo de arqueólogos. As restaurações do museu são de responsabilidade e decididas em conjunto do governo turco com a UNESCO.

Para visitar o museu é necessário pagar um bilhete de entrada que pode ser adquirido de diversas formas. A mais básica é diretamente pelo museu, cujo valor custa 60 liras turcas (valor de abril 2019), mas também é possível incluir o ticket por pacotes, onde o turista paga um valor fechado para entradas em várias atrações em Istambul como o Istambul pass, que é vendido com entradas guiadas em algumas atrações, e tem, entre outras opções, validade de 2, 3 e 4 dias. Pode-se também optar pelo museum pass, um pouco mais barato que a primeira opção, mas inclui menos atrações. Para quem escolher comprar direto na bilheteria, pode também incluir o aluguel de um audioguide, que tem explicações em diversos pontos na Igreja.

A Mesquita de Santa Sophia, localizada em Faith, Istambul, foi planejada por Isidoro de Mileto e Artêmio de Trales a pedido do Imperador Constantino.

Do grego *Agia Sophia* e do turco *Ayasofya*, que significa grande sabedoria, (HAGIA SOPHIA MUSEUM, 2018) foi construída três vezes exatamente no mesmo lugar com a finalidade de ser a Catedral de Constantinopla (atual Istambul), sendo a primeira delas no ano de 360 d.C. pelo imperador Constantino e a segunda pelo imperador Teodósio e ambas foram quase completamente destruídas por incêndio e ataques da aristocracia provocados na época. (HAGIA SOPHIA MUSEUM, 2018).

Entre os anos de 532 até 537 foi construída a versão que existe até hoje a pedido do então imperador, Justiniano. A abadia é considerada a obra-prima bizantina e funcionou como Igreja Ortodoxa desde sua inauguração até o ano de 1453, com exceção do período entre 1204 até 1261 em que foi convertida em uma igreja católica. Em seguida foi transformada em uma mesquita até 1931 e enfim tornou-se um museu. (HAGIA SOPHIA MUSEUM, 2018).

Sua riqueza cultural é composta por influências de arte, arquitetura e costumes grego, romano, otomano e árabe e que são facilmente percebidas nos

detalhes de suas construções, conforme exemplos mostrados abaixo, e é amplamente transmitida na arquitetura da Mesquita, uma vez que nela há mosaicos da época em que o monumento foi uma Igreja Ortodoxa, arquiteturas vindas de diferentes regiões da Ásia e da Europa, assim como as placas típicas de mesquitas mulçumanas, incluídas na época em que a Hagia Sophia foi convertido nessa religião pela primeira vez.

As figuras abaixo mostram plantas da Hagia Sophia de diferentes perspectivas, detalhando suas singularidades e especificidades arquitetônicas.

FIGURA 8: PLANTA DA MESQUITA



Fonte: CENGİZ, 2018

A figura 8 mostra a planta em uma perspectiva tridimensional em cor para melhor entender sua estrutura e divisões de alas mas também sobre os andares. Além de melhor localizar os mosaicos.

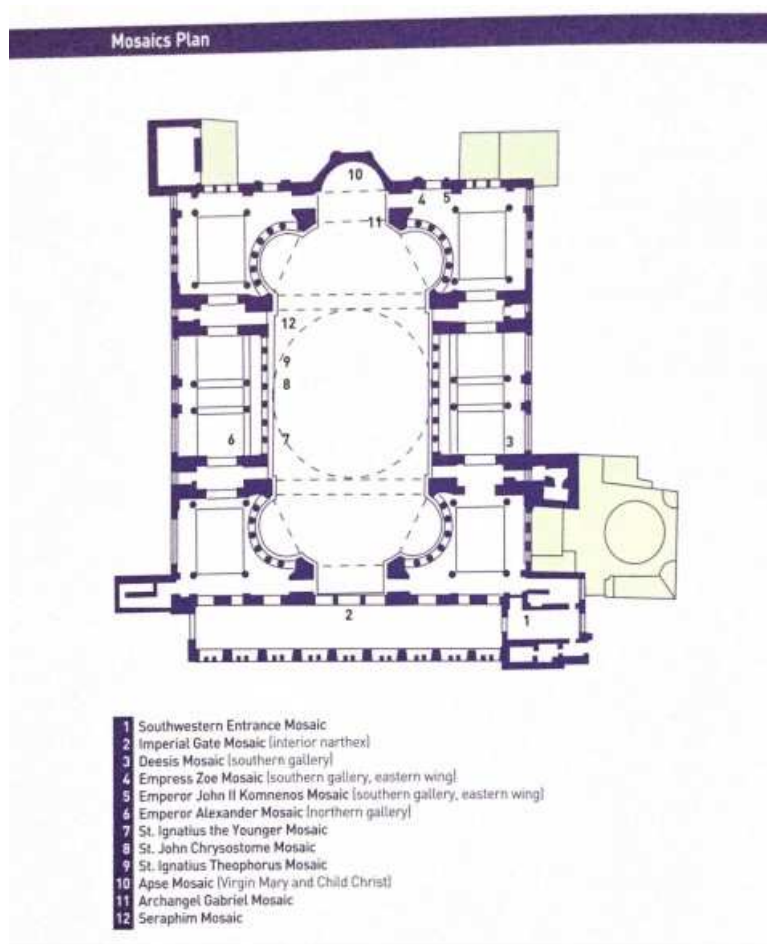
FIGURA 9: PLANTA DO PISO TÉRREO E JARDIM.



Fonte: CENGİZ, 2018

A figura 9 mostra os principais marcos da Mesquita, assim como onde estão localizados. As seções do monumento estão facilmente posicionadas e a planta é bem limpa.

FIGURA 10: PLANTA MOSAICOS



Fonte: CENGİZ, 2018

Acima, nas figuras 8, 9 e 10 é possível observar a planta da Hagia Sophia, com detalhes da cúpula principal, entradas, setores e localização dos mosaicos.

Na figura 8 pode-se observar a planta da Mesquita em 3 dimensões, ficando, assim, mais fácil para visualizar as entradas e demais divisões como tumbas e outros aposentos imperiais. As mesmas denominações, mas em uma planta em 2 dimensões, podem ser observadas na figura 9.

As localizações dos mosaicos, assim como suas denominações, estão dispostos na figura 10. Nela, além dos nomes de cada mosaico e o que ele representa, está também a galeria em que se encontra. A figura 10 é complementada pelas figuras 8 e 9.

FIGURA 11: SANTA IRENE

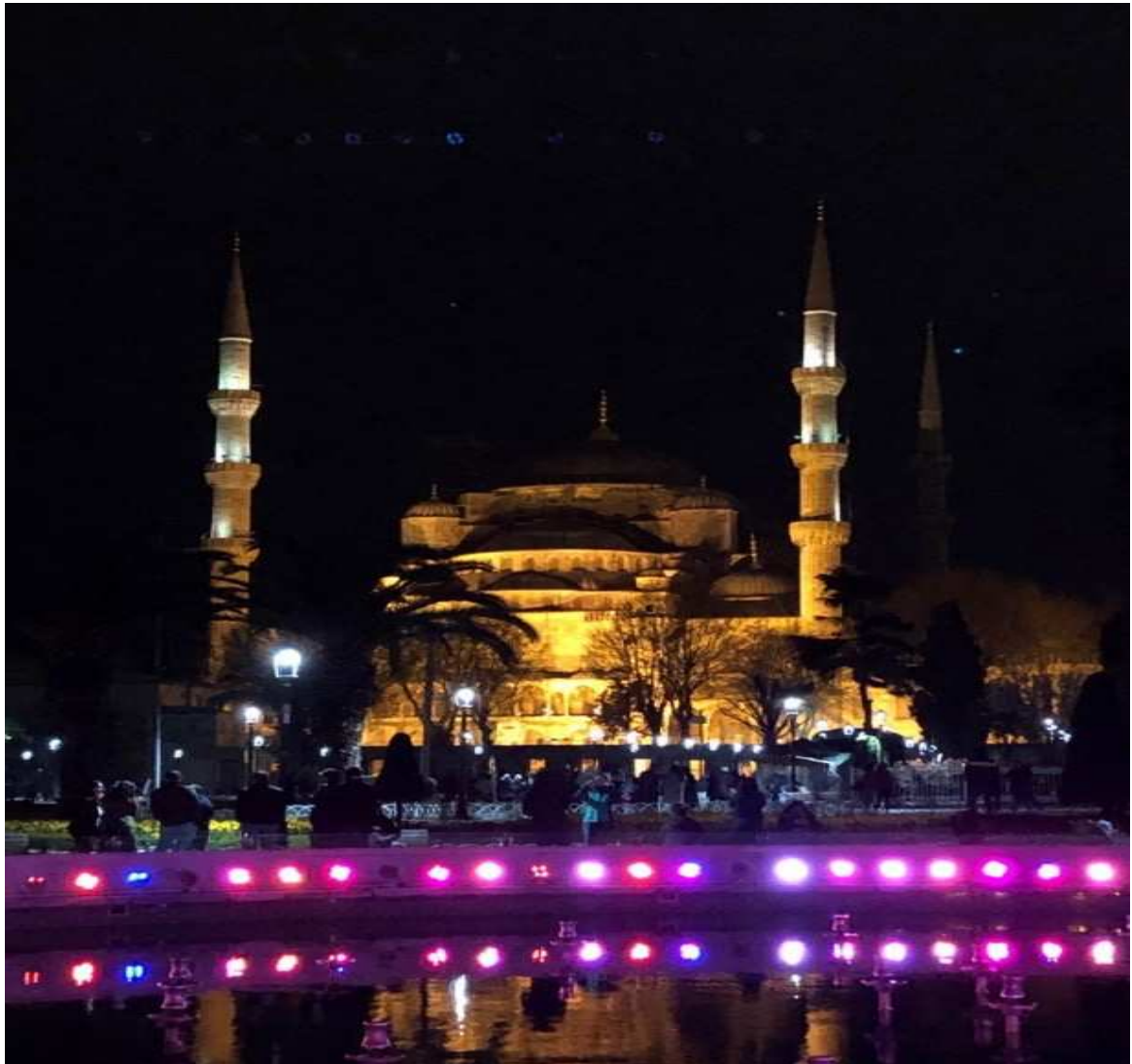


Fonte: a autora, 2019

A Igreja Santa Irene (figura 11) possui o mesmo estilo arquitetônico utilizado na Hagia Sophia e está a poucos metros de distância da Mesquita, onde pode ser observada atrás da Igreja na imagem, dentro do terreno do Palácio Topkapi.

A Igreja de Santa Irene foi também a primeira Igreja da cidade de Istambul, construída antes da época de Constantino (CONNOR, 2016).

FIGURA 12: MESQUITA AZUL



Fonte: a autora, 2019

Vista noturna da Mesquita Azul (figura 12), fica exatamente em frente à Mesquita Hagia Sophia e atualmente é a Mesquita mais importante de Istambul (TURKEY, 2019).

A Mesquita Azul foi construída entre 1609 e 1616 durante o Império Otomano e sua construção se deu, principalmente, pela vontade do então Sultão de fazer uma Mesquita maior e mais bonita do que a Hagia Sophia e, para mostrar isso a todos o fez em frente à Hagia Sophia.

Além de edifícios arquitetônicos, Istambul também conta que outras obras que carregam marcos de outras culturas, como a grega, mostrada abaixo pela pilastra da Medusa, localizada dentro da Cisterna de Hagia Sophia.

FIGURA 13: MEDUSA NA CISTERNA DA BASÍLICA



Fonte: a autora, 2019

De acordo com Hagia Sophia Cistern (2020), as pessoas jogam moedas perto da pilastra com a cabeça da Medusa (só há duas desta maneira dentro da Cisterna, a outra está virada para baixo) para dar sorte.

Também explica que ninguém sabe ao certo o porquê de sua cabeça estar nessa posição, e não virada para cima, e até mesmo o motivo delas estarem lá, mas que elas foram colocadas propositalmente nesta posição.

Entre os detalhes de sua arquitetura de Hagia Sophia está o domo, sustentado por um octógono, marcado por oito pilares de canto e paralelos às paredes externas e que suportam oito arcos elevados, esses oito arcos são as aberturas de oito cúpulas que suportam a cúpula central (LASSUS, 1979). Detalhes das primeiras construções também marcam as características físicas da Igreja, uma vez que a primeira entrada possui paredes e alturas diferentes da entrada principal, conforme abaixo:

FIGURA 14: SALÃO PRINCIPAL



Fonte: a autora, 2019

Ao fundo da figura 14 é possível ver um jarro de mármore datado do período Helenístico (330-30 a.C.). Há mais uma jarra como essa no interior da Mesquita e, de acordo com Cengiz (2016) elas “foram trazidas da antiga cidade de Pérgamo durante o reinado do Sultão Murad III (1574-1595)¹⁶”.

¹⁶ Em livre tradução de: These jars were brought from the Ancient city of Pergamum, during the reign of Sultan Murad III (1574- 1595).

FIGURA 15: INTERIOR DA BASÍLICA



Fonte: a autora, 2019

Interior da Basílica de Santa Sophia (figuras 14 e 15) mostram como ela foi ricamente adornada com diversos estilos arquitetônicos e com mármore de cores diferentes.

FIGURA 16: PRIMEIRA ENTRADA – HAGIA SOPHIA

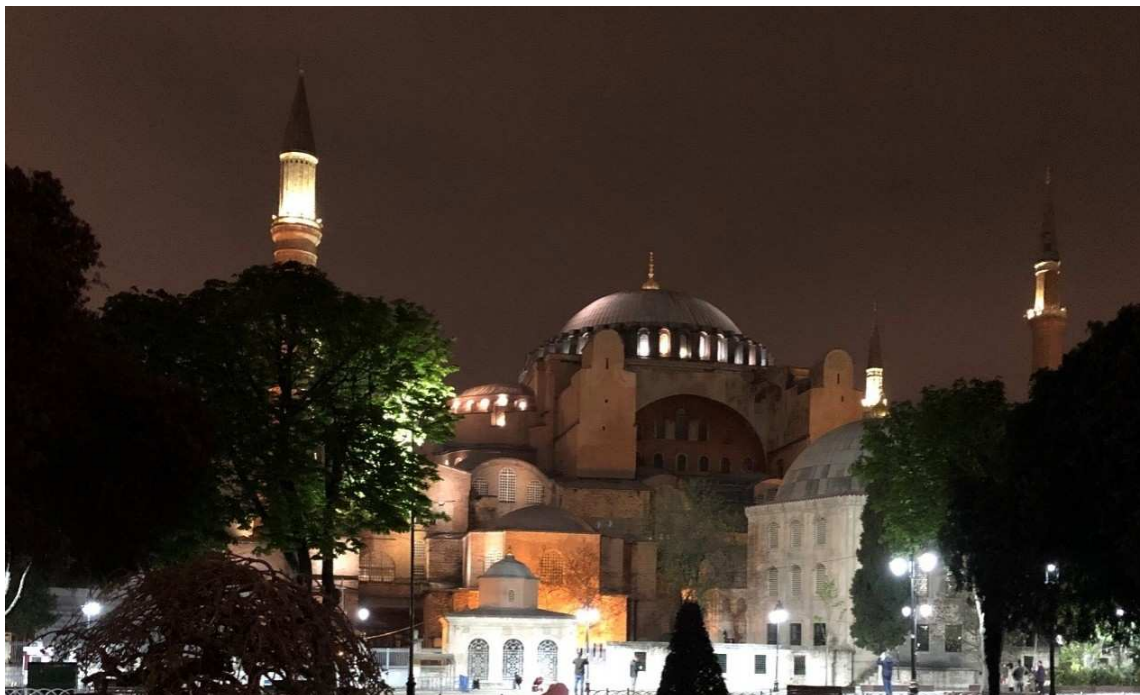


Fonte: a autora, 2019

Interior da Basílica (figura 16) que, de acordo com Cengiz (2018), há a exibição de um vídeo sobre o histórico assim como o processo de construção da Igreja e outros detalhes históricos da região.

Nesse vídeo é mostrado a expansão da construção tanto da Mesquita, como de seu entorno, mostrando as diferenças graduais da estrutura e da paisagem local, com novas construções e demais modificações (CENGIZ, 2018).

FIGURA 17: MESQUITA – LADO EXTERNO NOITE



Fonte: a autora, 2019

Na figura 17 é possível visualizar a Mesquita de Hagia Sophia e uma parte da praça *Sultanahmet*, que está de frente para ela. Tendo essa foto como referência, em frente à Hagia Sophia está a Mesquita Azul, do outro lado da praça *Sultanahmet*. Também em frente à Hagia Sophia, mas do lado esquerdo e ao lado da praça *Sultanahmet* está o *Haseki Hurrem Hamam*, que é um banho turco, construído no século XVI e ajuda a compor a paisagem do local. Por fim, a Cisterna da Basílica está localizada ao lado direito da Hagia Sophia, na imagem, do outro lado da rua.

FIGURA 18: MESQUITA – PARTE EXTERNO 2



Basílica - lado externo 1

Figuras 17 e 18 apresentam os lados externos da Hagia Sophia, vistos durante o dia e a noite.

A arte dos mosaicos no período bizantino surgiu como uma mistura da tradição italiana com influências orientais (LASSUS, 1979) e servia como uma proposta iconográfica para representar, além de outras imagens, diversas passagens da Bíblia. Para o povo bizantino a arte dos mosaicos representava, conforme Connor (2016):

[...] uma ferramenta cuidadosamente afiada para expressar e desmembrar uma memória compartilhada do passado e uma esperança escatológica para o futuro. Eles expressaram a ligação entre o céu e a terra, a identificação do divino com o precioso e a harmonia de um império unido sob o representante sancionado de Deus, o imperador. (CONNOR, 2016, livre tradução)⁶

A tradição da arte Bizantina veio com uma junção dos apelos dos cristãos para uma arte com um sentido mais emocional e com os estilos orientais mais rudes em detrimento à arte helenística que estava em decadência na época. (RUNCIMAN, 1961). Apesar disso, a arte não era de todo simples e se utilizava

de materiais nobres uma vez que eram trazidos do oriente. Os mosaicos eram frequentemente feitos de marfim ou mármore. Os tecidos eram de seda ou fios de ouro e as estátuas eram talhadas em pórfiro. (RUNCIMAN, 1961).

Como exemplo dos mosaicos apontados no texto acima segue as imagens:

FIGURA 19: MOSAICO DEISIS



Fonte: a autora, 2019

O mosaico Deisis, figura 19, é considerado um dos mais belos exemplos de arte romana oriental, de acordo com Cengiz (2016) e, para ele “representa o início da Renascença na arte romana oriental¹⁷”. Encontra-se na parede oeste

¹⁷ Em livre tradução de: The Deisis Mosaic, considered to represent the beginning of the Renaissance in Eastern Roman art.

da galeria sul e há divergências sobre a data que foi produzido, mas a mais provável é de ser do século 12.

FIGURAS 20: MOSAICOS DEISIS 2



Fonte: a autora, 2019

Detalhes do mosaico Deisis também na figura 20. Vale ressaltar que a localização do Mosaico Deisis é muito próxima do público e, como as peças que a compõem são muitas vezes por ouro e outras pedras preciosas, foi um dos mosaicos que mais sofreu com furtos.

FIGURA 21: MOSAICO DA DEDICAÇÃO

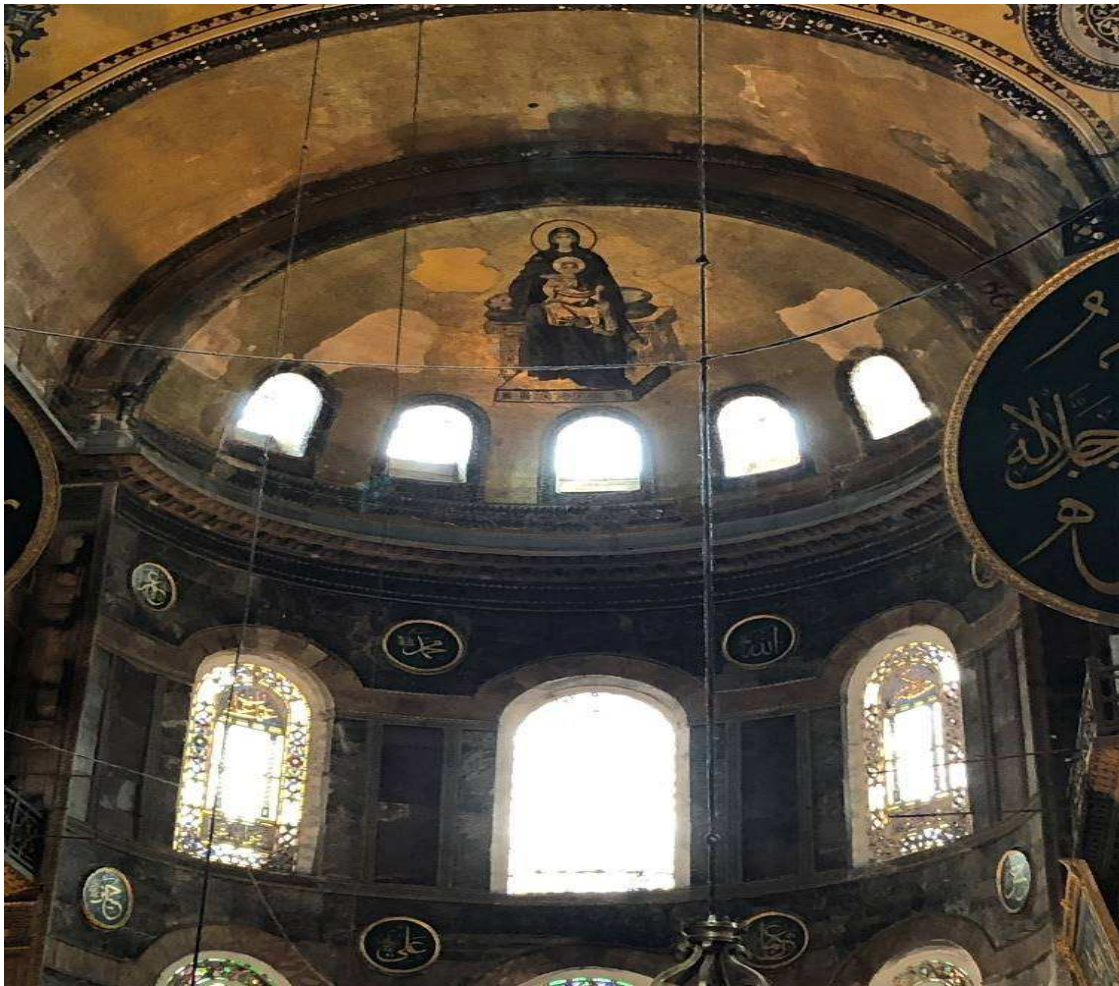


Fonte: a autora, 2019

A figura 21 representa o Mosaico da Dedicção e está localizado no vestíbulo ao sul do nártex interno. Maria é retratada ao centro, segurando o Menino Jesus há dois monogramas ao lado se sua cabeça que formam a palavra “Mãe de Deus. À esquerda de Maria está representado o Imperador Constantino segurando um modelo da cidade de Constantinopla e à direita dela está a representação do Imperador Justiniano, segurando a Hagia Sophia (CENGIZ, 2016).

No entanto, a maior contribuição da arte bizantina estava em sua arquitetura, especificamente nas igrejas, onde conseguiram o feito de colocar uma cúpula sobre uma construção quadrada até chegar à então mais admirável forma de cruz grega, técnica elaborada, provavelmente, pelos árabes e armênios e que cumpriam as exigências dos rituais das religiões da época. (RUNCIMAN, 1961).

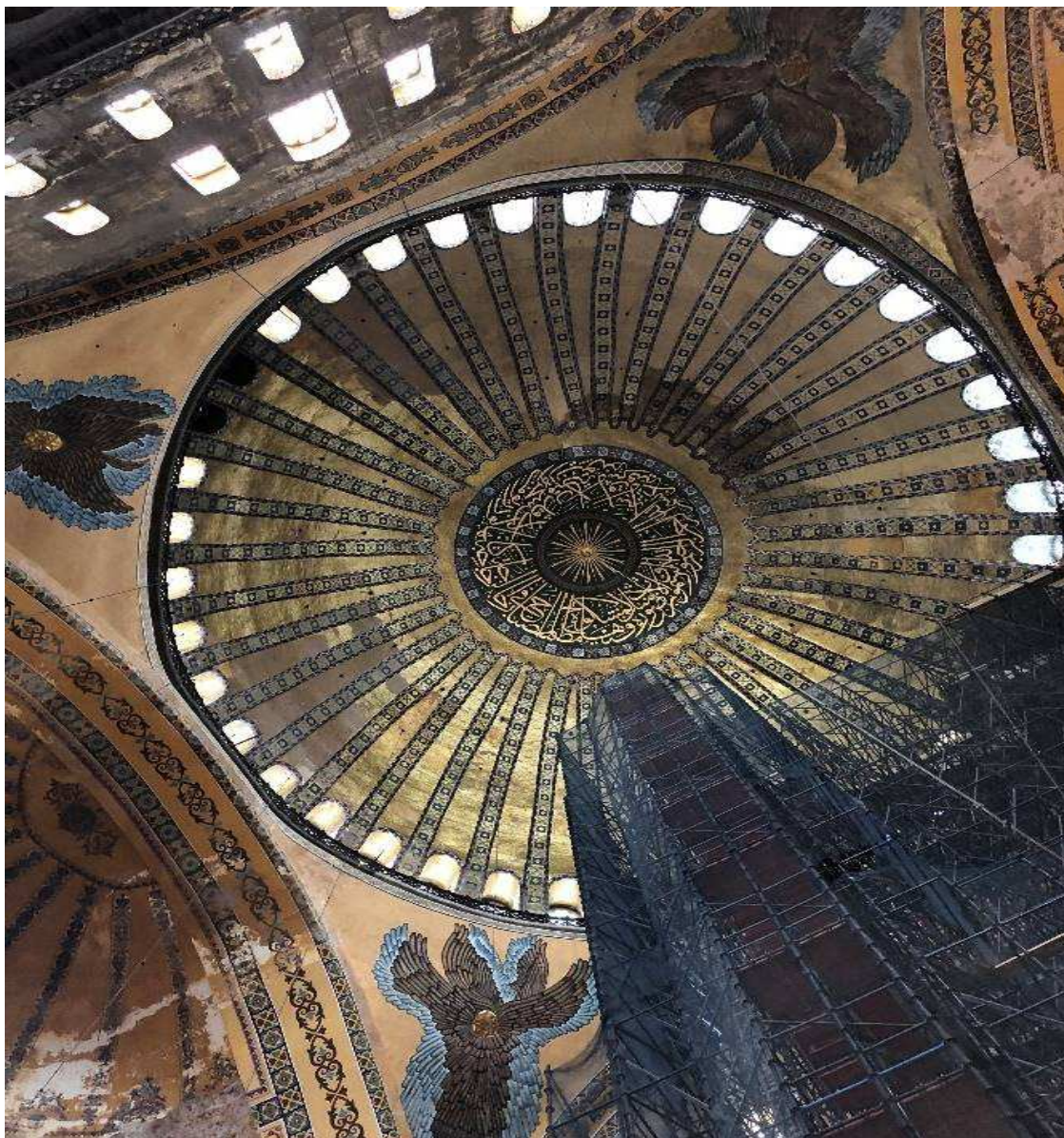
FIGURAS 22: CÚPULA MOSAICO APSE



Fonte: a autora, 2019

Na figura 22 é possível visualizar a imagem do Mosaico Apse, ou Mosaico Theotokos (CENGIZ, 2016) que representa o nascimento de Jesus Cristo. Exatamente em seu lado oposto da cúpula, está localizado o mosaico do Arcanjo Gabriel.

FIGURAS 23: CÚPULA DA MESQUITA



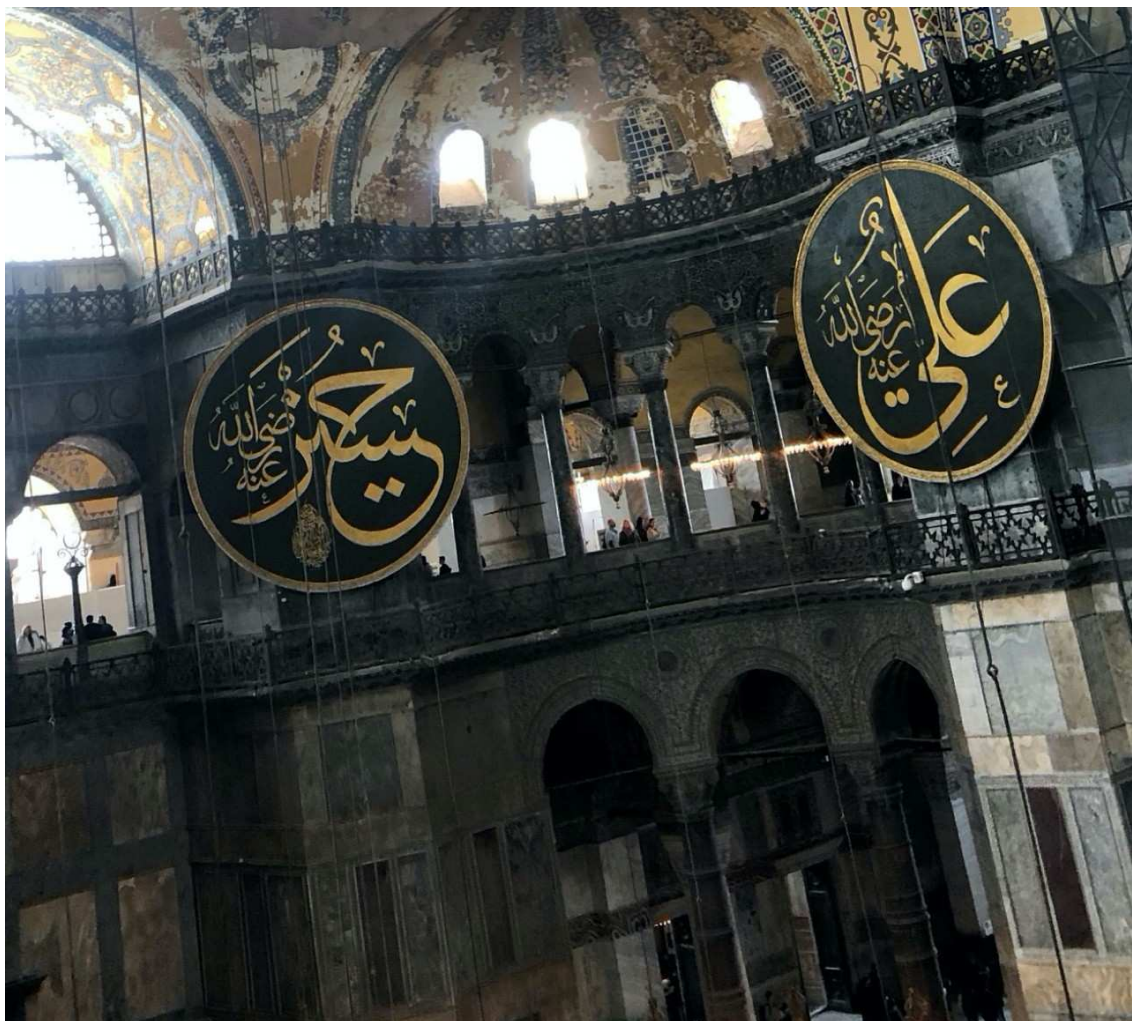
Fonte: a autora, 2019

Figuras 22 e 23 mostram detalhes da cúpula principal da Mesquita, com adornos em mosaicos e afrescos. Pode-se perceber também que a Mesquita estava em processo de restauração (figura 23).

Mas de acordo com Walter (1970) a arte bizantina não deixou de passar por evoluções e, especialmente na Mesquita de Hagia Sophia, como também ainda é chamada, sofreu ainda por muitas vezes ao longo dos anos com terremotos e outras calamidades. E então, para mantê-la restaurada e relevante, foram acrescentados outros adornos como estátuas e mosaicos de chão em diferentes épocas através dos séculos toda vez que precisava de

reparação e ainda é possível ver o desenvolvimento desses acréscimos em suas paredes.

FIGURA 24: PLACAS MULÇUMANAS



Fonte: a autora, 2019

Detalhe das placas mulçumanas (figura 24), foram colocadas após 1453, quando a, então, Basílica foi transformada em Mesquita pela primeira vez.

FIGURA 25: PILASTRAS DA SEGUNDA CONSTRUÇÃO DA MESQUITA



Fonte: a autora, 2019

De acordo com Cengiz (2016) escavações de 1935 encontraram peças arquitetônicas que pertenciam à segunda construção de Hagia Sophia (figura 25) e foram encontradas há dois metros abaixo do solo. Essas peças são colunas em mármore com diferentes representações esculpidas nelas.

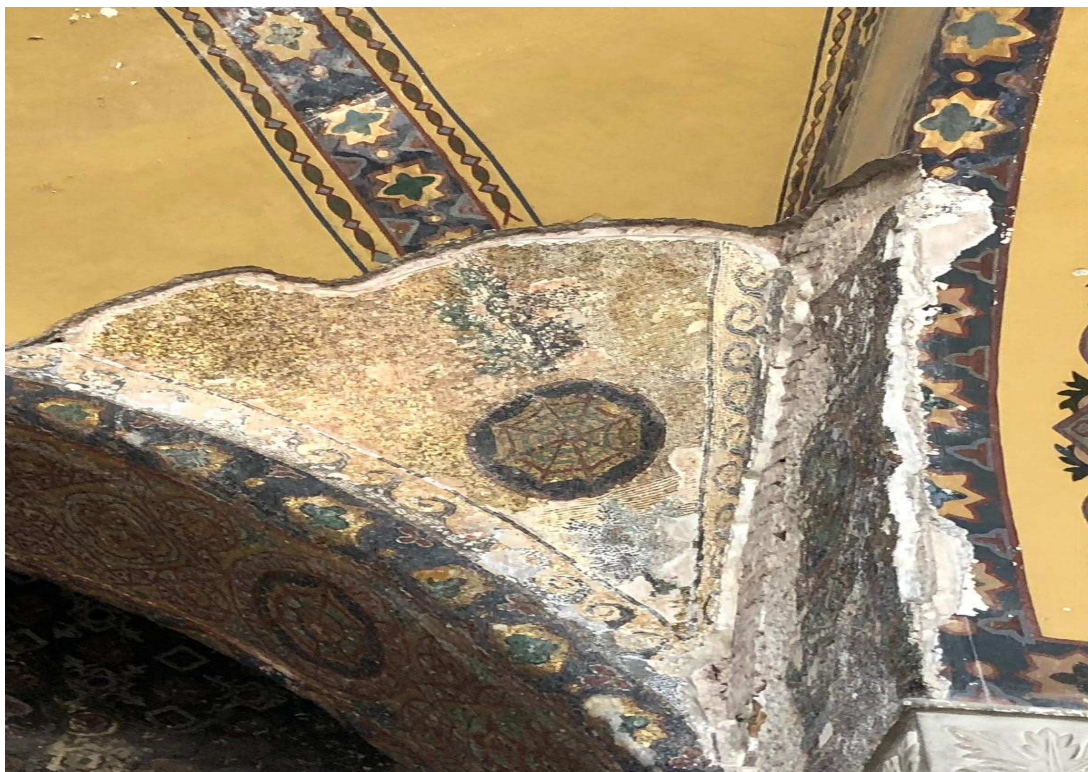
FIGURA 26: INSCRIÇÃO VIKING



Fonte: a autora, 2019

Os grafites Vikings (figura 26) datam em torno do século 9 e são escritas dos nomes dos soldados que, de acordo com os guias locais, acreditavam que deveriam deixar sua marca em principais monumentos por onde passavam.

FIGURA 27: PINTURA SOBRE MOSAICOS – TETO DO NÍVEL SUPERIOR



Fonte: a autora, 2019

Detalhes que mostram as singularidades da Mesquita, que possui pilares Bizantinos com herança helenística (figura 25), inscrições vikings talhadas direto no mármore (figura 26) e mosaicos encontrados feitos embaixo de pinturas nas paredes do segundo piso (figura 27).

Tantos detalhes demonstram que o objeto de pesquisa escolhido para esta dissertação de mestrado é relevante, não só pela riqueza arquitetônica e histórica, mas por mostrar que todos esses fatores fizeram com que ela impulsionasse os deslocamentos humanos até a consolidação da atividade turística, desenvolvendo essa atividade. Entre esses fatores, a peregrinação, que é exercida no local até hoje, há quase 1.500 anos, englobando 3 diferentes períodos históricos, sendo eles o Medieval, o Moderno e o Contemporâneo.

Também abrange diferentes culturas, representadas tanto pelas diferentes religiões que ali passaram, dentre elas a ortodoxa, católica e islâmica, quanto pelas sociedades que ajudaram a construir a região que passaram, entre outros, pelos gregos, romanos e persas, contribuindo para a construção de identidade, especialmente através da peregrinação e do turismo resultando no favorecimento a economia local.

• PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os objetivos propostos por esta dissertação de mestrado, estão formulados de acordo com o que é definido pela pesquisa social exploratória, uma vez que, de acordo com Gil (2010), “... proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” ou seja, exigindo uma investigação mais ampla e que possam proporcionar pesquisas posteriores.

Para melhor compreender um determinado estudo acadêmico é necessário que o autor tenha bem fundamentado e coerente com o desenvolvimento do texto seus pressupostos filosóficos e metodologia que será aplicada.

No entanto antes de comentar sobre metodologia, é preciso que se compreenda o seu sentido e relevância na construção de ciência sob a perspectiva de diversas disciplinas e quais suas contribuições para a pesquisa.

Para Prodonove e Freitas (2013) apenas o conceito etimológico de ciências não é suficiente para diferenciar outras atividades desenvolvidas para compreender o conhecimento. Entre eles são conjuntos de proposições daquilo que se deseja estudar.

Para Severino (2010, p. 73), a ciência é sempre “o enlace de uma malha teórica com dados empíricos”, sendo também “uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real”.

Severino (2010, p. 73) ainda acrescenta que “toda modalidade de conhecimento realizado por nós implica uma condição prévia, um pressuposto relacionado a nossa concepção da relação sujeito/objeto”. recursos técnicos, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos”.

Minayo (2010, p. 10) considera que as ciências sociais têm algumas razões para sua relevância para sua construção de realidade, dentre elas de “os cientistas terem conseguido estabelecer uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas para a compreensão de mundo, das coisas, dos fenômenos, dos processos e das relações”.

De acordo com Ayikoru (2009), apesar de crescente e recente a discussão do turismo como produção de conhecimento “há agora um

considerável corpo de trabalho que aborda a problemática do turismo e da produção de conhecimento de uma forma que o retrata como um campo exibindo sinais de maturação”. No entanto, para que as pesquisas possam se apresentar de forma mais aprofundada, faz-se necessário conhecer, por exemplo, como as disciplinas e seus paradigmas são conduzidos através das mesmas e para isso se faz importante apresentar, segundo Veal (2011, p. 51) algumas formas e direcionamentos das pesquisas em turismo:

- Multidisciplinar: significa que pesquisas de diferentes disciplinas são usadas – por exemplo, economia do lazer/turismo e sociologia do lazer/turismo.
- Transdisciplinar: significa que temas, teorias, conceitos e métodos comuns a mais de uma disciplina estão envolvidos.
- Interdisciplinar: significa que campos secundários de pesquisa, que não se encaixam perfeitamente em nenhuma disciplina em particular, estão envolvidos – por exemplo, pesquisa de orçamento de horas. (VEAL, 2011, p. 51).

A partir dessas reflexões o método formulado escolhido e que melhor se aplica ao objeto de pesquisa proposto na dissertação em questão e quais as melhores ferramentas metodologias que irão auxiliar na execução dos objetivos que o trabalho se propõe a alcançar será o da pesquisa social por um processo empírico.

6.1 TIPO DE PESQUISA

O processo de pesquisa escolhido para esta dissertação consistiu-se em investigar, de maneira exploratória e empírica, em abordagem qualitativa correlacionado entre dois períodos históricos distintos, o Medieval e Contemporâneo, a partir de uma abordagem não estruturada das realidades das sociedades das épocas retratadas assim como a dinâmica analisada sob a perspectiva dos deslocamentos humanos em função de monumentos religiosos.

De acordo com Minayo (2010 p. 21) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”, em outras palavras, ela pode ser

associada ao fenômeno daquilo que se estuda com diferentes variáveis como crenças, valores e atitudes. Para Minayo (2010 p. 23) também:

Essa corrente teórica, como o próprio nome indica, coloca como tarefa central das ciências sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente. Em suas diferentes manifestações, como na fenomenologia, na etnometodologia, no interacionismo simbólico, o significado é o conceito central de investigação (MINAYO, 2010 p. 23).

Creswell (2014 p. 49) acrescenta ao abordar sobre pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano (CRESWELL, 2014 p. 49).

Para Gil (2010 p. 27) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Então, as pesquisas exploratórias aparecem como um primeiro passo para prosseguir com uma pesquisa mais ampla, como estava inicialmente proposto para essa dissertação de mestrado.

6.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

Para Gil (2010, p. 60) a “necessidade de consulta a material publicado manifesta-se ao longo de todo o processo de pesquisa” o que faz com que seja uma das técnicas de pesquisa mais comuns, e ainda acrescenta que os “trabalhos de análise e interpretação exigem o cotejo dos dados coligidos em campo com os dados disponíveis, que habitualmente são encontrados nas bibliotecas” (GIL, 2010, p. 60).

Veal (2011, p. 147) ainda acrescenta que “para a maior parte das pesquisas, essa referência é essencial. É possível que um projeto de pesquisa consista somente da revisão bibliográfica”.

Para este trabalho, foi elaborado um quadro com autores que representassem os diversos temas abordados, como turismo, patrimônio e Hagia Sophia, conforme abaixo:

TABELA 2: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

TURISMO/ PEREGRINAÇÃO/ PATRIMÔNIO/ IDADE MÉDIA		TURISMO/ HAGIA SOPHIA/ IDENTIDADE	
ARTIGO/LIVRO	FONTE	ARTIGO/LIVRO	FONTE
A dinâmica do patrimônio cultural no turismo dentre o processo híbrido de memória e identidade da cultura social/ Brusadin, Leandro Benedini	CULTUR: Revista de Cultura e Turismo, 2015 CAPES	Cultural Heritage and Tourism: An Introduction/ Dr. Dallen J. Timothy	Channel view publications, 2011
TURISMO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA VISÃO DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAIA GRANDE EM SÃO LUÍS(MA)/ Karoliny Diniz Carvalho	RBTUR: Revista brasileira de pesquisa em Turismo, 2009	Cultural and Heritage Tourism in Asia and the Pacific/ Bruce Prideaux, Dallen Timothy, Kaye Chon	Routledge, 2008
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO E SUAS MOTIVAÇÕES: Claudemira AZEVEDO ITO	Revista Fct UNESP, 2008	Identidade, Turismo e Tradução cultural: Análise da dinâmica dos eventos juninos no Maranhão/ Karoliny Diniz Carvalho	Rosa dos Ventos, 2011 CAPES
A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO: DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL – SÉCULO XVIII/ SILVA, Odair Vieira da., KEMP, Sônia Regina Alves	REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE TURISMO, 2008	IDENTIDADE, CULTURA E TURISMO: DO PERTENCIMENTO AO TURISMO CULTURAL/ Ana Cláudia Ferreira da Fonseca Rodovalho; Marilda R. S. Sousa	Cadernos de Educação. Tecnologia e Sociedade, 2011 CAPES
Turismo, patrimônio cultural e produção do espaço: uma análise do centro histórico da cidade de Bragança PA/ Alessandra Silva Lobato	Geousp, 2016		
Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil/ Carlos Alberto Steil; Sandra de Sá Carneiro	Scielo, 2008		

Fonte: a autora, 2018

A partir desta revisão bibliográfica, optou-se pelas seguintes técnicas de pesquisa:

- Entrevistas;
- Entrevista em profundidade;
- Observação participante.

De acordo com Richardson (2017, p. 231) “entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas.”, e, partindo dessa afirmação, e considerando os tipos de entrevista,

estruturada ou semiestruturada, o tipo de entrevista adotado foi a entrevista ou não estruturada pois “geralmente é utilizada direta e individualmente para obter informações sobre crenças, motivações, atitudes etc. de um indivíduo” (RICHARDSON, 2017, p. 231) possibilitando um esquema de perguntas mais flexíveis com uma maior interação entre entrevistador e entrevistado.

Quanto a entrevista em profundidade, Richardsson (2017, p. 237) comenta que a entrevista em profundidade proporciona ao entrevistador maior flexibilidade para se ajustar às necessidades da pesquisa.

entrevista em profundidade (não estruturada) é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (RICHARDSSON, 2017, p. 237).

Quanto a observação participante realizada, de acordo com Gil (2010, p. 103) é possível “definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”. Veal (2011, p. 248) acrescenta que a “observação tem sido utilizada na pesquisa sociológica para desenvolver ideias e teorias sobre o comportamento social em determinados locais e de forma geral”. Portanto, também essas afirmações também podem ser validadas para a área do turismo, em especial as que versam sobre turismo e o legado da peregrinação.

A observação participante foi escolhida, portanto, para acompanhar as percepções e atitudes dos visitantes da Mesquita de Hagia Sophia sobre a arquitetura do local, seus mosaicos e também da importância religiosa do local.

6.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nesta pesquisa foram utilizados cinco instrumentos de coleta de dados, que se encontram em apêndice, e que foram aplicados na seguinte ordem cronológica:

- Roteiro de observação na Mesquita;
- Roteiro de entrevista com funcionária da Mesquita;
- Roteiro de entrevista com turistas e guias de turismo em visita à Mesquita;

- Roteiro de entrevista com turistas que retornam da viagem à Turquia e visita à Mesquita;
- Entrevista com representante da Igreja ortodoxa.

Portanto foram utilizadas entrevistas com turistas e uma funcionária da Mesquita de Hagia Sophia durante a pesquisa de campo desta dissertação de mestrado.

O roteiro de observação teve como objetivo acompanhar as percepções dos turistas dentro da Mesquita de Hagia Sophia enquanto a experiência acontecia procurando encontrar emoções e atitudes nos diferentes espaços e obras dentro da Mesquita. O roteiro consistiu em 5 itens, sendo eles:

- Anotar dia/hora da observação;
- Escrever o que mais chama atenção dos turistas;
- Perceber as interações entre os turistas dentro do museu entre os outros turistas e funcionários;
- Observar os sentimentos demonstrados durante a visita;
- Perceber quais atrativos chamam mais atenção.

O roteiro de entrevista foi aplicado a uma funcionária no cargo de assistente de diretoria dentro da atual Mesquita e foi composto de sete perguntas abertas, semiestruturadas com o objetivo de adquirir informações pertinentes à administração do local, como número de visitantes por ano, qual o mês que mais recebe turistas, qual o perfil de visitantes e o que chama mais atenção no local.

O roteiro de entrevistas destinado a turistas e guias de turismo durante a pesquisa em campo na Mesquita, o qual consistiu em 6 perguntas abertas direcionadas especialmente a falantes de língua portuguesa sobre suas a experiência, quais outros atrativos da cidade foram visitados ou ainda pretendem ser, quais as motivações que levaram esse visitante à Turquia e se havia pretensão de retornar à atração e a cidade de Istambul.

O roteiro de entrevista, aplicado em 6 turistas que retornaram de sua viagem à Turquia e visita à Mesquita indagou como foi a experiência após a mesma ter acontecido, se atingiu as expectativas, se o visitante teriam interesse em voltar

ao local, não apenas na Mesquita, nos outros atrativos que conheceu e quanto tempo durou a estada.

Também foi aplicada entrevista em profundidade com um representante da Igreja Ortodoxa, cuja finalidade foi melhor compreender dados coletados em campo, como o interesse pelo monumento estudado mais perceptível no turista adepto dessa religião.

O roteiro de entrevista em profundidade através de *e-mail* com um representante da Igreja Ortodoxa. A entrevista foi realizada no dia 17 do mês de agosto e consistiu em 4 perguntas cujo intuito foi de abordar aspectos da cultura ortodoxa. As perguntas abordaram aspectos de como funciona a peregrinação na Igreja Ortodoxa, qual a relação com a arte Bizantina e a Hagia Sophia.

6.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS EM CAMPO

A primeira entrevista, realizada para essa dissertação de mestrado, foi aplicada à assistente de gerência da Mesquita e arqueóloga responsável pelo local. A funcionária em questão foi indicada pelo Consulado Geral da Turquia em São Paulo, com quem foi mantido contato durante os 3 meses anteriores à viagem de campo.

Para que essa e as demais entrevistas fossem permitidas pelo então Museu, foi necessário comunicar o Consulado Geral da Turquia que fez o intermédio entre a pesquisadora e a administração da Hagia Sophia.

O Consulado, quando contatado, foi extremamente solícito em responder as perguntas e se manteve disponível para colaborar com informações e também para manter contato com o então Museu.

Foi, então, designado um funcionário do setor de Turismo especificamente para acompanhar a pesquisa. Este procedimento se fez necessário pela burocracia da própria Mesquita em aceitar pesquisa de campo no local, conforme informado pelo próprio Consulado.

Foi requisitado um projeto da pesquisa e também um questionário com todos os dados que seriam necessários para o campo.

Foi enviado uma autorização de pesquisa na Hagia Sophia para o e-mail da pesquisadora para entregar na Mesquita durante os dias de pesquisa de

campo, tal autorização está escrita em turco em sua versão original, mas está disponibilizada versão traduzida e ambas estão em anexo.

Houve também interesse da parte do Consulado em saber de eventuais transtornos que pudessem ocorrer durante a pesquisa e manteve contato inclusive durante os dias em Istambul, providenciando os horários para contatar a administração da Hagia Sophia.

O documento de autorização foi entregue na portaria do monumento e para a administração. Ele foi necessário para autorizar a entrada da investigadora pelo acesso dos funcionários e foi disponibilizado crachá de autorização de pesquisa durante os 4 dias de campo.

Foi realizada pesquisa de campo na Mesquita de Hagia Sophia no período de 13 a 18 do mês de abril no ano de 2019, nela consistiu na aplicação de roteiros de entrevista com funcionária do então Museu e com os turistas que estavam visitando. Além disso, também foi feita observação participativa a fim de compreender a percepção desse visitante.

O roteiro de observação realizado também no período de 13 a 18 de abril de 2019 teve a proposta de observar as atitudes dos turistas em suas experiências no atrativo, como a arquitetura, os mosaicos e as ruínas. Também foi avaliado em como esse turista dispõe seu roteiro, ou seja, quais aspectos do monumento tende a fascinar mais e quais detalhes seriam percebidos primeiro ou com mais minúcia.

Foi examinado também se há, entre os visitantes, aquele que se destaca por uma experiência mais religiosa, se houve alguma diferença quanto à apreciação dos mosaicos e das imagens que remetem alguma religião.

Foi observado, tanto durante a implementação da observação participativa quanto pelas entrevistas dos guias de turismo atuando no museu que, no geral, os turistas que visitam a Mesquita com motivação religiosa são, em sua maioria, os da religião ortodoxa, representados principalmente pelos gregos, que é a nacionalidade mais observada pelos guias, e os russos, que foram mais presentes na análise de observação participativa.

Infelizmente a administração da Mesquita não retém informações de perfil de visitantes, apenas de quantidade e qual a rotatividade durante o ano e um comparativo com anos anteriores. Esses dados constam em anexo.

Os visitantes, em sua maioria, fazem a visita em grupos. Os poucos que foram identificados sozinhos solicitaram o *audioguide*. *Audioguide* é um instrumento eletrônico de som, operado de maneira individual, utilizado para descrever informações sobre determinado atrativo para o interlocutor.

Praticamente em todos os pontos da igreja há uma espécie de cartaz com o símbolo do *audioguide* e um número –indicando em qual parte o turista está– para que todos possam aproveitar completamente seu passeio, conforme suas escolhas e necessidades.

Praticamente todos os visitantes estavam interessados na arquitetura e em tirar fotos.

Há um altar no fundo da ala principal onde o interesse dos turistas que param para observar, é de um gato que fica andando pelo espaço e procurando fontes de luz onde a sensação térmica é mais quente, uma vez que no dia da visita estava fazendo 4 graus em Istambul e a temperatura dentro do museu é a mesma da de fora, o local não tem nenhum tipo de isolamento térmico.

O gato em questão é famoso na Mesquita e entre os turistas e, de acordo com uma das guias entrevistadas, tem até perfil no aplicativo *instagram*.

Foi possível conversar com um grupo de turistas brasileiros que visitavam Istambul pela primeira vez. O grupo era de 5 pessoas, 3 deles disseram que a igreja fazia parte da lista deles de atrações na cidade que eram imprescindíveis e o restante estava visitando somente para fazer turismo.

Nenhum deles estava indo por questões religiosas e todos disseram que não voltariam nem para Istambul quanto para a Mesquita. Nem o atrativo nem o destino desagradou o grupo, mas consideram o destino muito distante e a entrada da Mesquita cara.

Em conversa com guias no local, foi descoberto que aproximadamente 75% dos turistas que visitam Istambul fazem questão de conhecer a Hagia Sophia. Como considerado um patrimônio da Igreja Ortodoxa, os gregos visitam a basílica por motivos religiosos, mas não os católicos ou os muçulmanos.

Uma das guias disse que a catedral é o seu lugar preferido na cidade e faz uma visita mesmo quando não está a trabalho com os grupos. Ela é a responsável pelo *instagram* do gato que fica no altar da igreja.

Dentre os visitantes da Mesquita, havia um casal de jovens russos que passeavam pelo atrativo com um livro cujo assunto era especificamente sobre a

Hagia Sophia, a nacionalidade do casal foi identificada pelo reconhecimento da língua russa no título do livro.

Eles estavam sem guia e sem *audioguide*, mas folheavam o livro a todo instante e passavam muito tempo em cada detalhe da Mesquita. Chamaram a atenção pois não estavam apenas interessados em fotografar o local, mas também de tocar, se prolongaram bastante em sentir o museu de várias formas diferentes.

Em todos os dias em que foi feita pesquisa de campo haviam poucas pessoas fazendo a visita sozinhas, e praticamente todas elas utilizam o *audioguide*. Além de utilizarem os dispositivos, todas elas parecem muito mais sérias e determinadas a aprender mais sobre o local do que as outras pessoas, especialmente dos grupos. Fotografar não era o foco dessas pessoas.

Em todos os dias haviam grupos de jovens em excursões escolares que estavam divididos entre aprender sobre o local, correr e interagir entre si. Poucos demonstraram interesse genuíno no monumento.

No piso superior, onde estão a maior parte dos mosaicos, haviam mais grupos de origem russa que se comportavam de maneira diferente do restante. Eles pareciam muito mais motivados em se aprofundar sobre a história do local do que o restante dos turistas.

Mulheres entre esses grupos, tiravam fotos de todos os detalhes da arquitetura no geral e absolutamente nenhuma *selfie*, ou tradicionais poses.

Aliás, os turistas que apreciam mais poses estão entre os de origem oriental – principalmente chineses e japoneses- e alguns que foi possível identificar que falavam espanhol.

Com exceção dos jovens que chegavam com excursões escolares, absolutamente todas as crianças presentes, tanto em família quanto em grupos, pareciam honestamente interessadas na história da igreja. Algumas delas fotografavam mais o local que os pais ou outros adultos, que as acompanhavam.

Pessoas nativas de língua inglesa mostravam mais interesse nas explicações que o guia fazia sobre as religiões que passaram por ali. Faziam muitas perguntas e se mostravam sempre interessados e curiosos. Eles também dominavam os grupos que adquiriam um guia particular, ou seja, um guia para grupos pequenos. Todas as vezes que eram identificados, estavam fazendo perguntas sobre os cristãos, ortodoxos e muçulmanos.

Sempre havia muitas pessoas nas “varandas” do piso superior da Mesquita, admirando o interior. Os espaços para fotografar e admirar o local do andar superior era bastante disputado. Apesar de existirem muitas pessoas tirando fotos no local, a maioria estava somente para observar e relaxar.

No último dia de pesquisa havia um grupo relativamente grande de mulheres jovens mulçumanas, onde era visível sua falta de interesse pelo local, comportavam-se como outros grupos normais de turistas.

Foi identificado um terceiro casal de russos, novamente muito mais interessado pelo local do que os outros tanto na arquitetura, quanto na história. Um deles fazia o sinal da cruz, quando encontrava com os mosaicos. Houve a tentativa de conversar com esses grupos, mas não foi possível com nenhum. Todos falavam que não sabiam falar o inglês ou que não queriam conversar.

Famílias, de uma maneira geral, comportavam-se muito bem, tanto dentro, quanto fora da igreja.

Um grupo de chineses ficou realmente muito frustrado quando o guia contou sobre o furto dos mosaicos do segundo andar.

Algumas pessoas imitam a pose do mosaico de Jesus para tirar as fotos.

O último grupo de russos identificado, de aproximadamente 4 pessoas mostrava nenhum interesse em tirar fotos, talvez pelas placas dizendo para tirar sem flash, pois danificavam os mosaicos. Essas pessoas também passavam mais tempo do que os outros turistas na frente das imagens e ficavam somente apreciando.

As únicas pessoas que ignoravam os mosaicos eram os mulçumanos.

Novamente todas as pessoas que possuíam um *audioguide*, também passavam muito tempo nas sessões.

No espaço externo da Mesquita as pessoas não mostravam muito interesse em observar a arquitetura, o faziam somente quando o guia comentava sobre.

Portanto, esse roteiro de observação foi importante para perceber as emoções dos visitantes no atrativo, assim como quais os detalhes do Museu chamam mais atenção. Uma das observações mais importantes retiradas tanto da observação participativa como da entrevista feita com guias foi a de que os turistas que visitam o local por motivações religiosas são os ortodoxos. O roteiro de observação indicou que os russos, cuja religião predominante no país é a

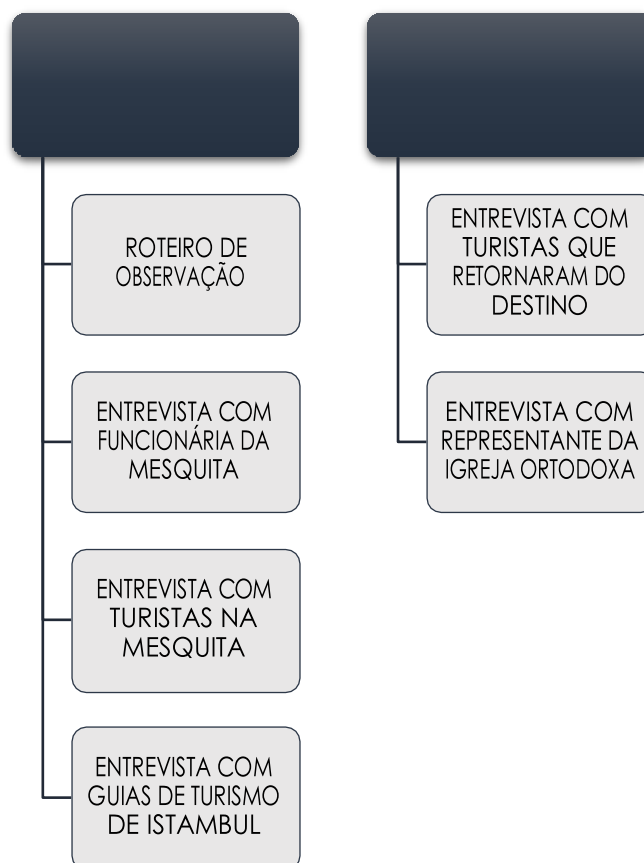
ortodoxa, se comportavam de maneira diferente diante dos mosaicos e aspectos religiosos do local, e os guias informaram que os gregos, onde a religião, assim como na Rússia, também é a ortodoxa, informavam antecipadamente que foco da visita à Mesquita era por conta da religião.

No entanto não foi possível entrevistar essas pessoas, apenas observar, pois, não havia grupos de turistas gregos durante o período da pesquisa de campo e os visitantes russos não aceitaram ser entrevistados. Caso fosse possível, poderia ser um bom complemento para o trabalho de campo.

6.5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

As entrevistas e o roteiro de observação foram organizados, a fim de melhor avaliar a experiência dos turistas e compreender todos os aspectos que englobam a Mesquita de Hagia Sophia, da seguinte forma:

TABELA 3 ORGANIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS



Fonte: a autora, 2020

A entrevista com a funcionária da Mesquita aconteceu apenas no segundo dia. No primeiro dia de campo houve uma reunião de emergência com representantes da UNESCO, a respeito da reforma na qual o monumento estava passando.

É importante ressaltar que todas as entrevistas feitas na Mesquita foram previamente organizadas com a ajuda do Consulado Geral da Turquia em São Paulo, mostrada conforme tabela abaixo.

TABELA 4 CONSULADO GERAL DA TURQUIA



Fonte: a autora, 2020.

A Catedral de *Notre Dame* estava passando por uma reforma similar na mesma época e pegou fogo dois dias antes do início da pesquisa de campo aqui retratada.

Durante a entrevista com a assistente de diretoria do monumento, foi questionado quanto a documentos históricos que poderiam mostrar a quantidade de visitantes durante as diferentes épocas ou religiões que a Mesquita passou.

Mas foi apenas informado que, durante o período da construção como uma Igreja somente à realeza e à nobreza eram permitidas a entrada na, então Basílica.

Com a visita a Mesquita, foram observadas várias restaurações em diferentes locais e finalizações. A funcionária informou que há um livro que mostra a maioria das restaurações que a Mesquita precisou durante seus quase 15 séculos.

Foi entregue também um documento, em turco, com a quantidade de turistas que a mesquita recebeu no ano de 2018, o documento e sua tradução se encontram em anexo.

Por último, foi entregue à pesquisadora um livro intitulado de *Hagia Sophia Museum*, que é vendido na loja nas dependências do monumento, com fotos e informações sobre o local. O livro está nas referências desta dissertação de mestrado.

As entrevistas com turistas que voltaram de viagem foram feitas com seis pessoas de diferentes cidades, idades, experiências vividas no local e que fizeram a viagem em anos distintos.

O nível de satisfação e aproveitamento da experiência é mostrado conforme tabelas 5 e 6, abaixo.

TABELA 5 EXPERIÊNCIA NO DESTINO

PARTICIPANTES	MELHOR ATRATIVO	VOLTARIA AO DESTINO	ATINGIU AS EXPECTATIVAS
Entrevistado 1	Kiz Kulesi e Torre de Gálata	SIM	SIM
Entrevistado 2	Mesquita Azul	SIM	SIM
Entrevistado 3	Mesquita Azul, Cruzeiro no Bósforo, Grand Bazar	SIM	SIM
Entrevistado 4	Mesquita Azul, Cruzeiro no Bósforo, Grand Bazar	SIM	SIM
Entrevistado 5	Hagia Sophia, Cruzeiro no Bósforo	SIM	SIM
Entrevistado 6	Hagia Sophia, Grand Bazar	SIM	SIM

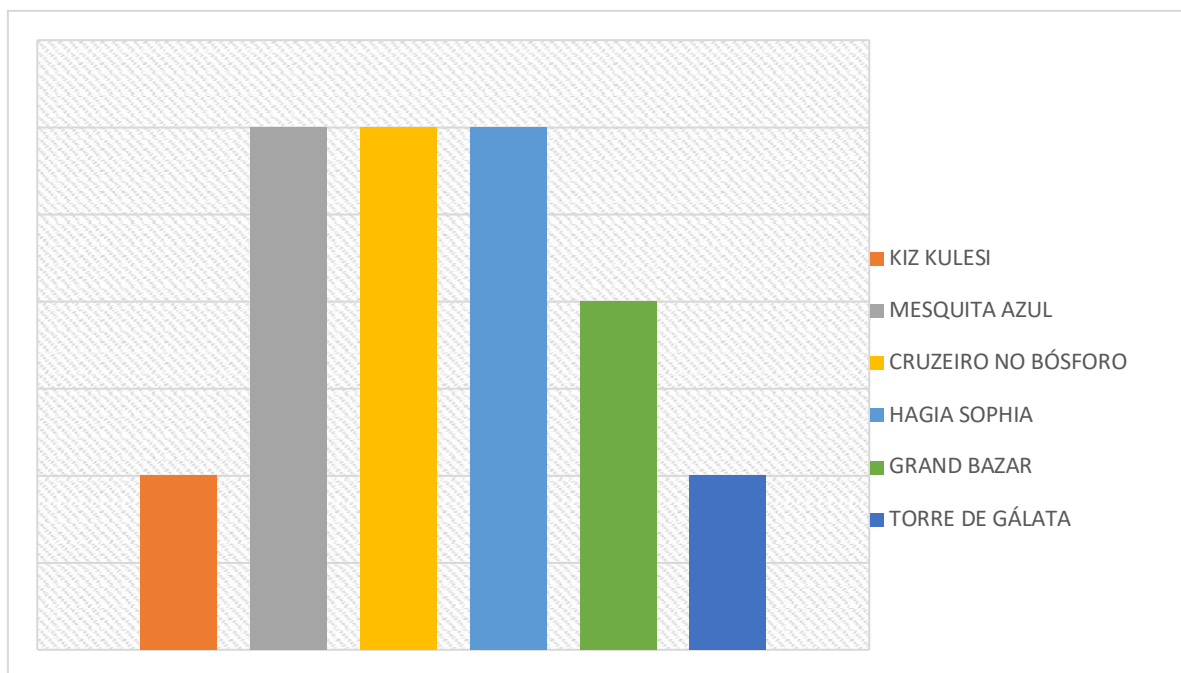
Fonte: a autora, 2020.

A tabela 5 mostra que os atrativos que mais conquistaram a atenção dos entrevistados são os que fazem parte dos atrativos históricos da cidade de

Istanbul, com exceção do Cruzeiro no Bósforo, que também é bastante apreciado pelos turistas. Além de também mostrar o nível de satisfação desses turistas com relação ao destino.

Na tabela 6 está melhor ilustrado a preferência dos turistas abordados nessa dissertação de mestrado.

TABELA 6 ATRATIVOS MAIS APRECIADOS



Fonte: a autora, 2020.

Foi realizada entrevista com 5 questões abertas que tinham por objetivos identificar a experiência tanto no monumento quanto no destino.

A entrevistada 1 foi 3 vezes à Turquia, sendo uma delas, e a última, de mudança a estudo. Foi nessa ocasião também que conheceu o monumento em questão.

Durante a entrevista, a entrevistada comentou sobre “ser uma pena” a Hagia Sophia voltar a ser uma Mesquita, demonstrando aborrecimento pela política local.

A entrevistada, durante o período de 6 meses em que morou na cidade, visitou a Mesquita em torno de 4 vezes e se mostrou muito empolgada com o local e, principalmente por sua localização, afirmando que gostava da parte histórica da cidade e citou outros atrativos como o Grand Bazar e a Mesquita Azul.

Também comentou que há dias que o monumento tem entrada gratuita e que vale a pena se informar sobre isso.

Comentou que todas as viagens e visitas aos monumentos superaram as expectativas e que voltaria ao destino se tivesse oportunidade.

Por fim comentou que os atrativos que mais gostou foram Kiz Kulesi e a Torre de Gálata, mas que a cultura, a hospitalidade do destino e a culinária são as partes inesquecíveis para ela.

Não foi percebido nenhum tipo de ligação com religião na entrevistada 1, mas sim com a cultura, especialmente quando dizia que “se encantava até pelos sons das Mesquitas, que chamam 5 vezes por dia seus fiéis”, o que está relacionado à questão da memória e identidade comentada por Brusadin:

A questão da memória, da busca identitária e da apresentação do passado como patrimônio cultural apresenta-se como uma rica fronteira entre os campos do saber da História e do Turismo. A construção / invenção do passado, enquanto lugar de memória para quem viaja, parte de interpretações que são instrumentalmente inseridas no método da História, mas, também, são construções de caráter popular, lendário e mitológico. (BRUSADIN, 2015, p. 16)

O que confirma a questão de que o turismo influencia na formação de identidade para os turistas com a comunidade local

Os entrevistados 2, 3 e 4 fizeram parte de uma viagem em grupo da “terceira idade” cujos destinos foram Grécia, Ilhas Gregas e Turquia. Uma delas fez 4 visitas à Mesquita e confirmou que voltaria “muitas vezes” tanto ao destino quanto à Hagia Sophia.

Ela foi capaz de descrever com admiração os procedimentos para entrar em uma Mesquita e como funciona todo o cerimonial quando esteve na Mesquita azul, e foi este monumento que mais a encantou durante sua estada no destino.

O casal que a acompanhou descreveu que, de todos os destinos programados para a viagem, a Turquia foi o que mais superou as expectativas, uma vez que estavam mais ansiosos pela visita às Ilhas Gregas e Istambul surpreendeu positivamente.

Ambos comentaram sobre as histórias que eram contadas durante os passeios e como a “cultura ocidental e oriental se mesclam” nesse lugar. Os

atrativos que mais chamaram a atenção foram a Mesquita Azul, o cruzeiro no canal do Bósforo e o Grand Bazar.

Foi percebido pelos entrevistados 2, 3 e 4 que eles tinham uma grande expectativa em destinos muito conhecidos como as Ilhas Gregas, mas em locais não muito comuns, estavam apenas “completando” a viagem. O que foi deduzido que transformou muito a experiência da viagem deles e, mesmo questionados sobre os outros destinos visitados na mesma viagem, lembravam muito mais da passagem pela Turquia.

A entrevistada 5 mora na cidade Istambul e comentou que já foi diversas vezes na Mesquita de Hagia Sophia, um dos motivos era acompanhar amigos e familiares que vinham visita-la. Ela disse que se não morasse em Istambul, ela com certeza voltaria ao destino.

Comentou que a Hagia Sophia é uma das atrações que mais gosta na cidade junto com o passeio de barco pelo Bósforo. No entanto, desde que Hagia Sophia foi convertida em Mesquita, ela não retornou mais ao monumento, ela comenta que evita a visita pois acha que sentirá profunda tristeza uma vez que os mosaicos estão cobertos.

Ela também disse que o segundo andar, onde fica um mosaico grande, está inacessível para visita e admite que está com medo da diferença que a experiência vai causar.

A quinta entrevistada, possivelmente por estar a mais tempo e mais ligada à cultura local, foi a que mais defendeu a transformação da Hagia Sophia em Mesquita, apesar de se sentir triste com os mosaicos cobertos.

Mesmo com a insatisfação ela considera a Hagia Sophia um patrimônio turco e, por isso, cabe a eles essa decisão. Isso favorece a ideia de que o desenvolvimento cultural não reflete somente nos elementos patrimoniais, mas também nas próprias pessoas.

A palavra cultura é criada através da crescente interconectividade de diversas culturas locais, bem como através do desenvolvimento de culturas sem uma clara ancoragem em qualquer território. Estas estão se tornando subculturas, por assim dizer, dentro do todo mais amplo (SMITH, 2003, p. 10)¹⁸.

¹⁸ Em livre tradução de: The word culture is created through the increasing interconnectedness of varied local cultures, as well as through the development of cultures without a clear anchorage in any one territory. These are all becoming sub-cultures, as it were, within the wider whole.

Por último, a entrevistada 6 fez um passeio ao país de aproximadamente 7 dias. Durante essa viagem visitou a Hagia Sophia 3 vezes em 3 dias consecutivos.

Considerou o então Museu muito surpreendente, ela foi com uma pessoa que conhecia um pouco da história do local e sentiu que conseguiu aproveitar um pouco a mais do que outros turistas, como as ruínas que pertenciam à segunda construção do local, o que fez com o passeio mostrasse uma melhor experiência.

A viagem, segundo a entrevistada, superou as expectativas e ela pretende planejar mais uma viagem ao destino.

Os atrativos que mais chamaram a atenção da entrevistada foram a Hagia Sophia e o Grand Bazar, sendo o segundo pela grandiosidade do local, que, desde a sua construção, segue funcionando pelo mesmo motivo e ainda carrega a arquitetura histórica que contribuem para a beleza do lugar.

Houve também a necessidade de compreender melhor as motivações religiosas de visita ao local e, conforme observado pela pesquisadora, os fiéis da Igreja Ortodoxa se encaixam nesse perfil. Para isso foi entrevistado um representante dessa religião.

O representante afirmou que a prática da peregrinação acontece e é tradicional ainda entre os adeptos dessa religião, mas que a iniciativa parte dos próprios para os locais onde tem maior devoção.

Relatou, também, que, apesar do estilo arquitetônico e das imagens em mosaico, não serem mais utilizadas pelas Igrejas pelo seu alto custo, o estilo em pintura dos Santos ainda é obrigatoriamente o mesmo.

Comentou também que a Hagia Sophia, ou como ele mencionou “Sabedoria Divina”, foi o “mais importante templo do Oriente cristão, na sede do Império Bizantino, no qual se desenvolveu o Cristianismo Ortodoxo” (ENTREVISTADO, 2020), o que faz com que, segundo ele, a visita dos fiéis dessa Igreja seja mais por devoção do que por turismo.

Questionado sobre as implicações da transição do monumento em uma Mesquita novamente, considerou a atitude ofensiva e uma afronta aos cristãos.

O entrevistado que representa a Igreja Ortodoxa esclareceu não só a atual peregrinação motivada especificamente pela Hagia Sophia, mas também a

importância do monumento para a memória e cultura de uma religião distinta à que foi originalmente construída.

O desenvolvimento do conceito do turismo se deu durante os séculos, desde os primórdios, motivados seja pela necessidade de aprimorar o comércio, ou por questões religiosas, educacionais ou políticas.

Os deslocamentos humanos sempre foram importantes para inúmeras questões já comentadas no trabalho como para fins de mercado e religioso dentro das sociedades e impulsionaram consideráveis avanços na economia, nas artes e principalmente na cultura, mas, durante as primeiras fases do turismo foi estimulado por questões religiosas que essa evolução se deu em maior nível. Era (e em alguns casos, ainda é) um dos papéis da Igreja (ou Templo, Mesquita, etc.) de incentivar a prática de peregrinação e era o papel dela de atrair o visitante para aquilo que eles entendiam por sagrado ou maravilhoso.

As influências dos diferentes patrimônios ligados aos deslocamentos humanos no período medieval examinados neste trabalho desencadearam, a partir da sociedade medieval e até os dias atuais, uma busca pelo diferente e o desejo de incluir em si a nova cultura visitada. Conforme Thimoty (em livre tradução, 2011) “o turismo de patrimônio engloba uma infinidade de motivos, recursos e experiências e é diferente para cada indivíduo e cada local visitado⁸”. Por esse motivo a prática da peregrinação causou todo um estímulo que agregava não apenas na troca cultural, mas toda transformação nos comércios e integração política de cidades que inicialmente não eram relevantes para os grandes centros, mantendo uma circulação valiosa entre diversas regiões (ROSENDAHL, 1999).

Essa herança que a população fortaleceu desencadeou toda uma necessidade que se tem hoje de preparar as localidades para receber esses visitantes. Na contemporaneidade não só os motivos acima listados são pertinentes para o desenvolvimento do turismo, mas também os de cuidar para que as tradições da comunidade local sejam preservadas e que os espaços sofram o menor impacto possível até que se tenha uma prática sustentável do turismo.

Por muitos anos a prática da peregrinação e dos demais deslocamentos humanos foram evoluindo não só e simplesmente pela necessidade de visitar locais sagrados ou se deixar fazer parte da história, mas também agregando a

cultura local em suas tradições e motivações em suas viagens, além de iniciar uma preocupação com a infraestrutura necessária para recepcionar esses visitantes que já não vão deixar de aparecer.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta oferecida por esta dissertação de mestrado, de demonstrar um desenvolvimento histórico do turismo a partir de tradições e perspectivas de diferentes sociedades e períodos históricos, especialmente a medieval, foi bem relacionada com a revisão de literatura proposta e complementada com as entrevistas aplicadas.

Especialmente em se tratando do primeiro objetivo específico, foi possível, em conjunto com toda revisão de literatura abordada nesta dissertação, mostrar que, de fato, os deslocamentos humanos com motivações espirituais e culturais já aconteciam, e que a população contemporânea herdou muitos desses costumes. Alguns desses costumes foram demonstrados nas respostas das entrevistas.

A importância cultural e espiritual do monumento estudado nessa dissertação ainda é relevante nos dias atuais como foi durante todo o seu desenvolvimento, em partes pelo fato de ter tido sua religião alterada diversas vezes durante seus 1500 anos, o que indica que cada sociedade que ali viveu fez da Hagia Sophia parte de sua cultura.

E essa dinâmica ainda acontece, uma vez que no ano de 2020 ela foi novamente convertida em Mesquita, mesmo ainda sendo considerada importante patrimônio de outra religião: a Ortodoxa.

O segundo objetivo específico está relacionado com movimentos de peregrinos, que eram muito comuns na Idade Média, um dos períodos estudados nessa dissertação e que ainda é uma prática relevante e evoluiu com a sociedade moderna, como comentado na revisão de literatura que indica que atualmente existem inclusive *ciberperegrinação*, agregando tecnologia para a peregrinação. E confirmado suas motivações pela entrevista com o representante da Igreja Ortodoxa que confirmou que a peregrinação ainda é feita.

Ainda que o período retratado, a Idade Média, não seja apresentado o conceito do turismo, pois o mesmo iniciou, de acordo com Ruschmann (2008, p. 153) por volta do século XX, a atividade de turismo surgiu por volta da Segunda Guerra Mundial “em consequência dos aspectos relacionados à produtividade empresarial” (RUSCHMANN, 2008, p. 153) percebe-se que os

deslocamentos humanos já eram realizados na prática da atividade de peregrinação.

Para Timothy (p. 4 2011, em livre tradução) “alguns observadores argumentam que o turismo de patrimônio é baseado em visitas de pessoas que querem aprender algo novo ou melhorar suas vidas de alguma maneira” e este sentimento estava também impregnado nas pessoas que realizavam as atividades desde a peregrinação na Idade Média.

Os movimentos humanos eram motivados essencialmente pela procura pelo sagrado, pela busca da salvação, obtenção de graça ou apenas por estar presente em um lugar santo (LE GOFF, 2002, p. 354) não apenas em estar em contato com elementos religiosos, mas também por motivos comerciais ou então pela fascinação e curiosidade aos povos estrangeiros que estavam sendo gradualmente descobertos (MORAIS, 2004, p. 53).

As condições de viagem eram, dependendo da civilização que a transitava (por exemplo os gregos, árabes, católicos...), normalmente precárias, mas em função da natureza religiosa que esses movimentos eram motivados alguns grupos de peregrinos conseguiam fornecimento de camelos e guias para suas caravanas (ROSENDAHL, 1999), apesar disso, para Rosendahl (1999, p. 99), “O fenômeno geográfico de deslocamento de peregrinos e turistas ao espaço sagrado representa uma fantástica manifestação do comportamento religioso”.

A identificação do fluxo turístico em monumentos arquitetônicos religiosos, que era voltado tradicionalmente para o público que buscava experiência espiritual, vem sendo modificado gradativamente, uma vez que suas motivações começaram a englobar interesses modernos como busca por identidade cultural ou agregar novos valores.

O terceiro objetivo se concentra em descrever a identidade cultural do turista, assim como da população local no objeto de pesquisa dessa dissertação de mestrado, a Hagia Sophia. Este objetivo é aprofundado durante a apresentação e análise das coletas de dados.

Esses tópicos expõem todo processo de coleta de informações dos turistas, profissionais do setor e habitantes locais e que relataram as percepções, experiências e expectativas das pessoas que fazem parte da dinâmica de troca cultural que acontece na região.

Essa dinâmica impacta diretamente na vida dessa sociedade e no futuro do monumento retratado, especialmente no evento da transformação da Hagia Sophia em Mesquita novamente, onde uma parte da população local sentiu que sua cultura estava mais uma vez representada, mas, por outro lado, algumas pessoas mostraram-se indignadas pela mudança. Entre elas, alguns turistas que haviam sido entrevistados e que gostariam de rever os mosaicos.

Considerando que o processo de formação de identidade cultural está ligado ao desenvolvimento dos deslocamentos humanos que evoluíram para a atividade turística cuja dinâmica dessas sociedades adicionado aos acontecimentos históricos e ao estilo de arquitetura dos monumentos contribuíram para o desenvolvimento da identidade da comunidade retratada, confirmando, portanto, a hipótese levantada na introdução desta dissertação de mestrado.

A Mesquita, assim como seus mosaicos, representa na atualidade para os turistas, de acordo com Connor (2016), uma relação do processo experimental da grandiosidade de suas abóbodas, as decorações harmoniosas que foram sofrendo com alterações e evoluções ao longo dos anos e outros fatores fazem com que o todo seja uma experiência exclusiva.

A transformação do espaço do entorno da Mesquita em função das peregrinações e na atualidade em função do turismo abrange um grande movimento de pessoas durante todo o ano que buscam não apenas a fascinação pelo valor histórico da arte bizantina, mas também pela crença de uma incorporação espiritual diferenciada. Hagia Sophia recebe mais de 2.000.000 de visitantes durante todos os anos (HAGIA SOPHIA MUSEUM, 2018) quando está aberto em exposição, o que costuma ser 7 dias na semana, além de outros eventos que porventura possam ocorrer.

Este movimento de visitante da atualidade foi precedido pela atividade de peregrinação e que, em alguns momentos ainda ocorre na época atual, mesmo possuindo motivações além da espiritual, pois pode-se dizer que a prática ainda ocorre em muitas religiões, incluindo das que fizeram parte do desenvolvimento da Mesquita de Santa Sophia como o Islamismo e o Catolicismo.

Esses dados revelam a importância não apenas do monumento retratado, a Mesquita de Hagia Sophia, mas também toda espiritualidade histórica do local, mas também do destino e de sua população.

REFERÊNCIAS

BACKMAN, Clifford R. **The worlds of Medieval Europe**. Oxford: Oxford University press, 2003. 480 p.

BANCROFT-HUNT, Norman. **Living in ancient Greek**. New York: Thalamus, 2009. 97 p.

BANKS, Edgar. **Seven Wonders of the Ancient World**. New York: The Knickerbocket press, 1916. 191 p.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus editora, 2003. 176 p.

BAUAB, Fabrício. **Da Geografia Medieval às origens da Geografia Moderna: contrastes entre diferentes noções de Natureza, Espaço e Tempo**. 2005. 313 p. Tese de doutorado – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo. 2005.

BITTON-ASHKELONY. Brouria. **Encountering the Sacred: The Debate on Christian Pilgrimage in Late Antiquity**. California: University of California Press, 2005. 251p.

BRODERSEN, Kai. **Die Sieben Weltwunder: Legendäre Kunst- und Bauwerke der Antike**. München: Beck, 1996. 128 p.

BRUSADIN, Leandro B. **A dinâmica do patrimônio cultural no turismo dentre o processo híbrido de memória e identidade da cultura social**. Santa Cruz: Revista Cultur, ano 9, número 3, 2015. P 64-85.

CASANOVAS, Francesc. **La construction médiévale des paysages montagneux de la Catalogne (XV-XX**

siècles). 2002. 669. These (Pour l'obtention du grade de Docteur de L'Ehess) – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Paris, 2002.

CENGİZ, Hayrullah. **Hagia Sophia Museum**. Istanbul: Bilnet Matbaacilik ve Yayincilik A.S., 2018. 96 p.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 288 p.

CONNOR, Carolyn L. **Byzantine Mosaics in their cultural setting**. New York: Oxford Press, 2016. 213 p.

FERREIRA, Luísa. **Turismo e Patrimônio na Antiguidade Clássica: o texto atribuído a Fílon de Bizâncio sobre as Sete Maravilhas**. In: OLIVEIRA, Francisco; TEIXEIRA, Cláudia; DIAS, Paula. **Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas**. Évora: APEC/ CECH, 2008. p 73-78. Vol. 1: Línguas e Literaturas. Grécia e Roma.

FRANÇA, Susani Silveira. **Peregrinos e peregrinação na idade média**. Petrópolis: Editora vozes, 2017. 369 p.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. 206 p.

GLOBAL RELIGIOUS FUTURE. Não paginado. Disponível em: <<http://www.globalreligiousfutures.org/religions/muslims>>. Acesso em 08 de setembro de 2019.

GREGORY, Timothy E. **A history of Byzantium**. Malden: Blackwell Publishing, 2005. 397 p.

HAGIA SOPHIA MUSEUM. History. Não paginado. Disponível em: <<http://ayasofyamuzesi.gov.tr/en/history>>. Acesso em 12 de maio 2018.

HAGIA SOPHIA CISTERN. Basilica Cistern. Não paginado. Disponível em: <<https://hagiasophiatrkey.com/basilica-cistern/>>. Acesso em 15 de maio de 2020.

FRANCO, Hilário Júnior. **A Idade Média, o Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001. 273 p.

FRANKLIN, Adrian. **Tourism: An Introduction**. London: Sage publications, 2003. 305 p.

HOWARD, Douglas A. **The history of Turkey**. Westport: Greenwood publishing group, 2001. 521 p.

IGNARRA, Luiz R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Thompson, 2003. 205 p.

ITO, Azevedo. **Evolução histórica do turismo e suas motivações**. São Paulo: Revista Tópos v. 2 número 1, 2008. P 123-141.

JONES, W. H. **Pausanias description of Greece** (english translation). Volume 1. New York: The Loeb classical library, 1931. 457 p.

KABIR, Ananya; WILLIAMS, Deanne. **Introduction: a return to wonder**. In: **Postcolonial Approaches to the European Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 1-10.

LASSUS, J. **Cristandade Clássica e Bizantina**. Rio de Janeiro: AGGS, 1979. 160 p.

LEFEBVRE, Henri. **La Production de L'espace**. 2. ed. Paris: Editions Anthropos, 1981.

LE GOFF, Jacques. **"Peregrinação"**. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 353-366.

LE GOFF, Jacques. **“O Maravilhoso no ocidente Medieval”**. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. São Paulo: Edições 70, 1990. p. 17-35.

LE GOFF, Jacques. **“O deserto-Floresta no Ocidente Medieval”**. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. São Paulo: Edições 70, 1990. p. 37-55.

LE MOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de. **Memória e Construções de Identidades**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. 101 p.

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2004. 127 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes; 2010.

MORAIS, Cynthia. **Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, Pai da História?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 226 p.

MORGAN, Giles. **Byzantium**. Herts: Pocket essentials, 2007. 158 p.

MOURA, Vasco Graça. **A Identidade Cultural Europeia**. Lisboa: Fundação Francisco Manoel dos Santos, 2016. 96 p.

NELSON, Robert S. **Hagia Sophia, 1850-1950: Holy Wisdom Modern Monument**. Chicago: The University of Chicago Press, 2004. 304 p.

PÉREZ, Zerardo Pereiro. **Turismo cultural: uma visão antropológica**. Tenerife: Pasos, Revista de Turismo, 2009. 324 p.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013. 277 p.

RAJ, Razaq; MORPETH, Nigel D. **Religious Tourism and Pilgrimage Management**. Oxfordshire: CAB, 2007. 236 p.

RICHARDS, Greg; MUNSTERS, Wil. **Cultural Tourism Research Methods**. London: Cab, 2010, 243 p.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 2017. 404 p.

ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto L. **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. 200 p.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: O Sagrado e o Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. 112 p.

RUNCIMAN, Steven. A **Civilização Bizantina**. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1961. 233 p.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus Editora, 2008. 193 p.

SILVA, Maria da Gloria Lanci da. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer**. São Paulo: Editora Aleph, 2004. 192 p.

SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 151 p.

SMITH, Melanie K. **Issues in Cultural Tourism Studies**. London: Routledge, 2003, 208 p.

SOUZA, José Arilson Xavier de. **Geografia e peregrinação**. Caderno de geografia, Belo Horizonte, 2018. V.28, n.54. p. 686-701.

TIMOTHY, Dallen J. **Cultural Heritage and Tourism: An Introduction**. Bristol: Channel View Publications, 2011. 508 p.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo Básico**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 8ª edição, 2019. 291 p.

TRIPODI, Tony; FELLIN, Phillip, MEYER, Henry. **Análise da pesquisa social**. Rio de Janeiro: Livrarias Francisco Alves Editora S.A, 1981. 338 p.

TUUK, Bertus Van der. **History of the Future of Tourism**. In: YEOMAN, Ian; MCMAHON-BEATTIE, Una. **The Future Past of Tourism: Historical Perspectives and Future Evolution**. Bristol: Channel View Publications, 2020. P. 15- 21.

TURKER, Nuray. **Religious Tourism in Turkey**. In: EGRESI, Istvan. **Alternative Tourism in Turkey**. Cham: Springer, 2016. P. 151- 172.

WALTER, Gérard. **A vida cotidiana em Bizâncio no século dos Comnenos (1081 – 1180)**. Lisboa: Edição <livros do Brasil> Lisboa, [1970]. 264 p.

WELLS, Colin. **De bizâncio para o mundo: a saga de um império milenar**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. 322p.

YAMAMURA, Kozo. **The Cambridge history of Japan**, volume 3. Chapter 8: The growth of commerce in medieval Japan. Cambridge: Cambridge university press, 1990. P. 344-396.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Este roteiro visa observar as experiências dos turistas durante a pesquisa de campo na Basílica de Santa Sophia.

1. Anotar dia/hora da observação;
2. Escrever o que mais chama atenção dos turistas;
3. Perceber as interações entre os turistas dentro do museu entre os outros turistas e funcionários;
4. Observar os sentimentos demonstrados durante a visita;
5. Perceber quais os atrativos chamam mais atenção.

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIOS DO MUSEU

Este questionário visa adquirir informações administrativas, históricas e quantitativas do Museu Basílica de Santa Sophia.

1. Há quanto tempo trabalha com o destino turístico da Turquia?
2. Como avaliaria o desenvolvimento da atividade turística nesse destino ao longo dos anos?
3. Qual o perfil de turistas que decide visitar a Catedral de Santa Sophia?
4. Com quais outros atrativos na cidade está associada a visita da Catedral?
5. Como se sente as políticas públicas da Turquia com relação ao turismo e aos movimentos internacionais?
6. Qual a época do ano que o Museu recebe mais visitas?

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM TURISTAS

Este questionário visa adquirir informações de experiência com os Turistas da Basílica de Santa Sophia durante a pesquisa de campo.

1. É a primeira vez em Istambul?
2. É a primeira vez visitando o Museu?
3. Qual a motivação para a visita à cidade? E ao Museu?
4. Qual monumento que mais chama atenção na cidade? Por que?
5. O que mais chama atenção na Basílica? Os mosaicos, arquitetura...
6. Visitaria novamente a atração?

APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM TURISTAS QUE RETORNARAM DO PASSEIO

Este questionário visa adquirir informações de experiência com os Turistas da Basílica de Santa Sophia após o retorno da viagem à Turquia.

1. Foi a primeira visita ao país? E a cidade?
2. Quantas visitas foram feitas ao Museu? Voltaria ao atrativo em uma próxima viagem?
3. A viagem atingiu as expectativas?
4. Voltaria ao destino novamente?
5. Qual foi o atrativo na cidade que mais gostou?

APÊNDICE 5 – ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA IGREJA ORTODOXA

1. A prática da peregrinação é comum entre os fiéis da Igreja Ortodoxa? Se sim, como funciona?
2. A arte Bizantina, ou arte em mosaicos, ainda é comum em novas construções de Igrejas Ortodoxas? Se não, como funciona a arquitetura atual?
3. Hagia Sophia foi inicialmente construída como uma Igreja Ortodoxa, mesmo enquanto era um museu secular foi constatado que haviam visitas ao local com motivações espirituais por fiéis ortodoxos, mas não por católicos ou muçumanos. O senhor poderia explicar o por quê? Se puder, poderia indicar algum livro ou material?
4. Quais seriam as implicações da transição da Hagia Sophia novamente em Mesquita para a Igreja Ortodoxa? Como a comunidade se sente em relação à essa mudança?

ANEXO 1 – SOLICITAÇÃO DE PESQUISA EM HAGIA SOPHIA



T.C.
KÜLTÜR VE TURİZM BAKANLIĞI
Kültür Varlıkları ve Müzeler Genel Müdürlüğü



Sayı : 76252222-154.01-E.220079
Konu : Ayasofya Müzesi Araştırma Talebi

12.03.2019

DAĞITIM YERLERİNE

İlgi : Sao Paulo Başkonsolosluğu, Kültür ve Tanıtma Ataşeliği'nin 22.02.2019 tarih ve 164040 sayılı yazısı.

Universidade Federal do Paraná'da turizm alanında master yapan Caroline Pereira Martins'in ortacağ ve daha sonraki dönemlerde düzenlenen haç faaliyetleri ve bunun göç üzerindeki etkilerini araştıracağı tez çalışması kapsamında 13-19 Nisan 2019 tarihleri arasında kendisine yardımcı olacak kardeşi Karine Pereira Martins ile birlikte Ayasofya Müzesinde 50 civarında turist ile anket yapılması, fotoğraf ve video çekimi, Müze yönetimi ve personeli ile tez konusu hakkında görüşme yapılması, müze tarihi hakkında bilgi ve belgelerin toplanması ve ücretsiz ziyaret taleplerini konu alan ilgi yazı örneği incelenmiş olup ekte gönderilmektedir.

Adı geçenin tez konusu kapsamında müze tarihi hakkında bilgi ve belgelerin toplanması, müze yönetimi ve personeli ile ilgili tez konusu hakkında görüşme yapılması hususlarının İliniz Ayasofya Müzesi Müdürlüğünce incelenerek işlem yapılması, fotoğraf ve video çekimlerine ilişkin talebin Süreli Kullanım Yönergesi doğrultusunda Valiliğinizce, ücretsiz ziyaret konusunun ise Merkez Müdürlüğünüzce değerlendirilmesi ve ilgili kuruma bilgi verilmesi hususlarında bilgilerinizi rica ederim.

e-imzalıdır

Ali Rıza ALTUNEL
Bakan a.
Genel Müdür Yardımcısı V.

Ek : İlgi yazı örneği. (2 sayfa)

Dağıtım:

Gereği:

DÖNER SERMAYE İŞLETMESİ MERKEZ
MÜDÜRLÜĞÜNE

Bilgi:

SAO PAULO BAŞKONSOLOSLUĞUNA
(Kültür ve Tanıtma Ataşeliği)

Not: 5070 sayılı Elektronik İmza kanunu gereği bu belge elektronik imza ile imzalanmıştır.

II. TBMM Binası 06050 Ulus / ANKARA
Telefon: 0(312) 470 80 00 Faks: 0(312) 508 61 13
Ağ: www.kulturvarliklari.gov.tr E-Posta: muzeler@kulturturizm.gov.tr

Bilgi için: Bedia MERAL
Sanat Tarihçisi
Telefon No: (312) 470 60 92



**ANEXO 1 – TRADUÇÃO DE SOLICITAÇÃO DE PESQUISA EM HAGIA
SOPHIA**

MINISTÉRIO DA CULTURA E DO TURISMO
DIREÇÃO GERAL DE BENS PATRIMONIAIS E MUSEUS
Assunto: Solicitação de Pesquisa em Hagia Sophia

De: Consulado de cultura e turismo de São Paulo, datados de 22/02/2019

A mestrandia em turismo Caroline Pereira Martins, da Universidade Federal do Paraná irá executar, durante sua estada de 13 à 19 de abril de 2019, com o auxílio de sua irmã, Karine Pereira Martins, investigação no museu Hagia Sophia. Serão feitas pesquisas com turistas, reprodução fotográfica e de vídeo, gestão e equipe do museu. Uma reunião foi solicitada sobre o tema do museu para obter informações e documentos sobre o local. A informação sobre os pedidos de visita gratuita foi analisada e enviada em anexo.

Recolher informações e documentos sobre a história do museu no âmbito do objeto de pesquisa acima referido. Discussão sobre o tema da tese relacionado a gestão e equipe do museu. Em relação à Hagia Sophia, como tirar fotos e vídeo, a solicitação é feita por seu governo de acordo com a Diretiva de Uso de Periódicos. Sobre a avaliação pela Diretoria central, informar à instituição relevante. Eu solicito suas informações.

ANEXO 3 – TABELA HAGIA SOPHIA

AYASOFYA	Ziyaretçi Sayısı	Toplam Gelir
Ocak 2018	137.167	3.275.295
Şubat 2018	139.498	3.217.870
Mart 2018	206.320	6.440.840
Nisan 2018	290.116	7.786.005
Mayıs 2018	259.080	6.553.390
Haziran 2018	229.945	5.388.220
Temmuz 2018	284.532	6.040.855
Ağustos 2018	304.713	6.835.888
Eylül 2018	293.167	7.355.453
Ekim 2018	300.893	10.185.181
Kasım 2018	233.441	6.563.037
Aralık 2018	209.271	6.285.898
2018 Yılı	2.893.143	74.916.729

2019							
AYASOFYA	Z- BİLET	KİÇİK BİLETİ GİRİŞİ	YERLİ + YABANCI 1	TORSAN	TAM BİLET+KOM BİNE+FAST TRACK BİLETİ GİRİŞİ	MİDE KART GİRİŞİ	ZİYARETÇİ TOPLAM
OCAK	89	2.127	27.186	68.739	62.122	30.162	181.332
ŞUBAT	106	1.434	24.053	63.170	86.543	26.168	181.374
MART	197	1.323	63.880	198.723	07.398	37.383	290.214
NİSAN							
MAYIS							
HAZ.							
TEM.							
AĞUS.							
EYLÜL							
EKİM							
KASIM							
ARALIK							
TOPLAM							

ANEXO 4 – TABELA HAGIA SOPHIA - TRADUZIDA

HAGIA SOPHIA	NÚMERO DE VISITANTES	RENDA TOTAL					
jan/18	137.161	3.275.295					
fev/18	139.498	3.217.870					
mar/18	205.320	6.440.840					
abr/18	290.116	7.766.005					
mai/18	259.080	5.553.390					
jun/18	229.945	5.388.220					
jul/18	284.532	6.049.855					
ago/18	304.713	6.835.686					
set/18	293.167	7.355.452					
out/18	306.893	10.185.181					
nov/18	233.441	6.563.037					
dez/18	209.271	6.285.898					
ANO DE 2018	2.893.143	74.916.729					
2019	E-TICKET	QUIOSQUE DE ENTRADA	LOCAL + ESTRANGE	TURSAB	BILHETE CHEIO +	ENTRADA MUSEU	TOTAL
HAGIA SOPHIA							
JANEIRO	89	2.127	27.786	58.739	62.129	30.182	181.052
FEVEREIRO	106	1.434	24.053	63.170	66.143	26.168	181.074
MARÇO	197	1.523	50.080	108.723	92.298	37.393	290.214
ABRIL							
MAIO							
JUNHO							
JULHO							
AGOSTO							
SETEMBRO							
OUTUBRO							
NOVEMBRO							
DEZEMBRO							